



**ENCONTRO  
PAULISTA DE  
MUSEUS 2022**

**RELATÓRIO**



**ENCONTRO  
PAULISTA DE  
MUSEUS 2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Encontro Paulista de Museus 2022 [livro  
eletrônico] : Relatório / organização Renata  
Cittadin, Luiz Fernando Mizukami. -- 1. ed. --  
Brodowski, SP : Edições SISEM-SP, 2023.  
PDF

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-980242-0-8

1. Museus 2. Museus - Conservação e restauro  
3. Museologia 4. Preservação histórica I. Cittadin,  
Renata. II. Mizukami, Luiz Fernando.

23-155000

CDD-069

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Museus : Preservação da memória e cultura :  
Museologia 069

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

## FICHA TÉCNICA

### GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

**Tarcísio de Freitas**  
Governador

**Felício Ramuth**  
Vice-Governador

**Marília Marton**  
Secretária de Cultura e Economia Criativa

**Frederico Mascarenhas**  
Secretário Executivo de Cultura e Economia Criativa

**Daniel Scheiblich Rodrigues**  
Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa

**Maria Beatriz de Souza Henriques**  
Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

### SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS – SISEM-SP

**Renata Cittadin**  
Diretora do Grupo Técnico de Coordenação

**Luiz Fernando Mizukami**  
**Sofia Gonçalves**  
Grupo Técnico de Coordenação

### ACAM PORTINARI - ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA

**Paulo Augusto Coelho de Souza**  
Presidente do Conselho Administrativo

**Angelica Fabbri**  
Diretora Executiva

**Luiz Antonio Bergamo**  
Diretor Administrativo Financeiro

**Joselaine Mendes Tojo**  
Coordenadora de Ações de Apoio ao SISEM-SP

**Agatha Souza da Silva**  
**Ana Carolina Xavier Ávila**  
**Daniela Torres Lima**  
**Michael Lopes Argento**  
Assistentes de Ações Técnicas ao SISEM-SP

### E-BOOK "EPM 2022: RELATÓRIO"

**Renata Cittadin**  
**Luiz Fernando Mizukami**  
Organização

**Daniela Torres Lima**  
**Joselaine Mendes Tojo**  
Suporte Técnico

**Estúdio Tei**  
Design e Programação

**Revisamos!**  
Revisão

**Andressa Lima Batista**  
**Angelica Fabbri**  
**Bruno Henrique Soares**  
**Caroline Silveira**  
**Danieli Giovanini do Carmo Leite**  
**Ellen Nicolau**  
**Fabiana Monteiro Lima**  
**Inah Irenam Oliveira da Silva**  
**Isabella Favero Fazani**  
**Luís Henrique Neves de Souza Porto**  
**Maria Beatriz de Souza Henriques**  
**Paulo Nascimento Lima**  
**Renata Cittadin**  
Autores

# SUMÁRIO

**07** **O SISEM é feito de encontros**  
Renata Cittadin

**10** **Encontro Paulista de Museus: Desenhando futuros**  
Maria Beatriz de Souza Henriques

**12** **Celebrando a potente presença dos estudantes de museologia e análise do EPM 2022**  
Angelica Fabbri

**15** **Parte I - EPM 2022**

Programação.....15

EPM em números.....38

Acessibilidade: diminuindo barreiras.....48

**50** **Parte II - Relatos críticos**

A Relatoria do Encontro Paulista de Museus.....51

A resistência e resiliência da latinoamérica na nova definição de Museus.....55

**50 anos após a mesa de Santiago do Chile:** Um relato de ausências, aprendizados e devires .....60

**Não tá no retrato:** o papel dos museus no enfrentamento a colonialidade da exploração territorial.....68

**Uma visão externa sobre os museus:** adentrar, itinerar, escancarar portas ou quebrar paredes?.....77

**A responsabilidade dos museus com o futuro**.....86

**Educação antirracista:** responsabilidade partilhada e atuação dos museus.....94

**Atenção, Senhores passageiros:** Chamada para a Conexão Baviera - São Paulo.....102

**Encontro de Articulação dos Sistemas Públicos de Museus**.....108

**Com quais políticas se faz um museu?**.....113



**O  
SISEM  
É  
FEITO  
DE  
EN  
CON  
TROS!**



Foi a partir da Comissão de Dinamização dos Museus, no início dos anos 1980, que foram realizados os primeiros encontros de profissionais de museus de São Paulo. Foi desses primeiros encontros que foi concebido o Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP).

Do primeiro Encontro Paulista de Museus (EPM), ocorrido em 2009, até a edição de 2022, foram anos ininterruptos de eventos. Cremos que cada edição foi marcada por momentos únicos e observar essas várias edições nos mostra um percurso construtivo.

Se a primeira edição do EPM teve uma programação composta, principalmente, por diretores de Organizações Sociais gestoras dos museus vinculados à Secretaria de Cultura, a percepção de que a ampliação do nosso olhar ao que acontecia em outros museus e no campo em São Paulo foi sendo concretizada a cada nova edição. Se nas primeiras edições a busca de destaques e repertórios vindos do exterior compunham a programação, em especial decorrente de parcerias estabelecidas com agências de cooperação cultural de países europeus, as edições mais recentes mostram um olhar voltado para as experimentações da Museologia

brasileira e a valorização das práticas observadas no território paulista. Se as primeiras edições focavam somente nos museus constituídos institucionalmente, nas edições recentes foi possível incorporar a diversidade de modelos e perfis de ações de preservação de memórias.

Sobre o EPM 2022, podemos nos orgulhar de um evento que procurou celebrar o reencontro e reconectar os agentes do campo museológico após o longo período de distanciamento provocado pela pandemia de COVID-19. Com o tema “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?”, os debates tiveram o propósito de articular as discussões oriundas da revisão do conceito de museu, mobilizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), especialmente o debate brasileiro. Inspirados nos temas que pautaram a Mesa-redonda de Santiago no Chile, ocorrida há 50 anos, pudemos trazer influxos de outros campos de conhecimento para refletir sobre as práticas de museus.

Finalizamos o encontro nos desafiando a produzir e a formalizar as ações do SISEM, com o objetivo de articular e de elaborar a política estadual de museus, a ser construída de forma participativa em com a colaboração dos agentes que



compõem o campo museal paulista e em diálogo com a política nacional. Além da política é importante que o EPM seja o espaço de articulação em que a comunidade museológica se reúna e discuta os seus desafios, demandas e urgências, bem como que sejam pactuados os compromissos para enfrentá-los ou empreender novas soluções para a garantia do papel dos museus nas sociedades.

Assim, este Relatório do Encontro Paulista de Museus 2022 evidencia o registro das intenções dos debates empreendidos na programação. Ademais, são apresentados os relatos críticos elaborados pelo grupo de relatoria composto estudantes dos diversos níveis da formação em Museologia, um processo inovador na nossa estrutura, que fomentou a participação e a interlocução de estudantes, os futuros profissionais dos museus e da Museologia.

Essa publicação é o resultado do trabalho de várias mãos e que agora fica a disposição a todos para mais um encontro!

**Renata Cittadin**

Museóloga e Diretora do Grupo Técnico do Sistema Estadual de Museus

**ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS:**

**DE**

**SE**

**NHAN**

**DO**

**FU**

**TU**

**ROS!**





Encontro Paulista de Museus(EPM) promovido pela Secretaria de

Cultura e Economia Criativa por meio do Sistema Estadual de Museus (SISEM-SP) tem como objetivo conectar os museus paulistas com o que está acontecendo no cenário museológico, pautando-se também pelas necessidades observadas na realidade paulista.

O 12ºEPM realizado em 2022 consolida todo um movimento de articulação do campo museológico paulista, em decorrência da sua continuidade desde o seu início em 2009, atravessando cinco gestões de governadores distintos, em eventos realizados anualmente, seja na Capital ou nos ciclos itinerantes. Ao propor o lançamento de temas de discussão para os profissionais e gestores de museus, o EPM procura lançar luz para pontos na gestão dos museus que devem ser considerados, a fim de, assim, promover movimentos de reflexão e melhoria, pelo compartilhamento de relatos de experiências diversas.

Ano a ano, o EPM se estabeleceu como um marco na agenda das políticas públicas na área da cultura e para o campo museal no estado e, em alguma medida, do país. A afluência de profissionais de outros Estados e a transmissão on-line, algo presente desde a primeira edição,

garantiu essa posição também ao evento.

Este é apenas um dos exemplos de como EPM não deve ser um evento que se esgota em si, mas que se nutre e atua articulado com as outras ações desenvolvidas pelo SISEM-SP. Visto os diferentes formatos adotados pelo EPM ao longo dos anos, acredito que isso mostra a grande capacidade da equipe envolvida em se adequar às realidades observáveis e a um futuro brilhante para as próximas edições.

**Maria Beatriz de Souza Henriques**

Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

# CE LE BRAN DO

A POTENTE PRESENÇA DOS  
ESTUDANTES DE MUSEOLOGIA  
NA RELATORIA E ANÁLISE DO  
**EPM2022**



o ano em que o EPM realizou a sua décima segunda edição, voltando

a ser presencial, conforme a sua concepção, vocação e essência, reunindo profissionais, estudantes, pesquisadores e interessados na área museológica, o local escolhido não poderia ser mais simbólico e emblemático: o Museu Paulista da Universidade de São Paulo, afetivamente mais conhecido como Museu do Ipiranga, promovendo a inauguração do seu Auditório, com o acolhimento a um dos principais eventos de museus de São Paulo e do país.

Resultou-se, assim, na união de dois ícones no campo de museus no país. O Museu do Ipiranga ressurge mais forte e renovado para assumir o seu papel de referência no setor e o EPM que pontua mais um passo na continuidade da sua importante e ininterrupta realização, como expoente de política pública setorial de Estado, bem-sucedida, que confirma a importância de ações cuja relevância perpassam governos e tem a sua permanência assegurada, garantindo direitos constitucionais.

Também merece destaque a sua realização virtual e inclusiva, preocupações sempre presentes no EPM, objetivando ampliar e estender a participação e a eliminação de fronteiras e barreiras que por

diferentes fatores dificultam ou impossibilitam a presença no evento.

No âmbito da sua realização, o EPM tem como marca uma inquietação e compromisso constantes com a busca por uma sintonia com a efervescência da área e as relações dinâmicas dos museus com a sociedade em constante mudança, assim que a cada edição são propostas e incorporadas novas práticas, que se somam às reflexões sobre os temas propostos que chamam e mobilizam o setor para múltiplos e diversos diálogos, como tão bem traduziu o tema: “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos temas se faz um museu?”.

Esse é um verdadeiro chamamento às responsabilidades que os museus trazem no bojo de seu trabalho e à ação transformadora que deve começar por eles mesmos, como tão bem pontuou Waldisa Russio Camargo Guarnieri, no seu legado para a museologia brasileira e internacional, sempre atenta às questões sociais do seu tempo.

Na perspectiva da ampliação e da reverberação das discussões, as Relatorias Críticas têm sido parte essencial do EPM, compreendidas não só pela importância do registro de memória, como também pela importância da análise crítica das reflexões. Para essa 12ª Edição, a grata

inovação foi a chegada de estudantes de museologia, em diferentes níveis de formação: graduação, curso técnico e pós-graduação. Isso possibilita, ao mesmo tempo, uma experiência enriquecedora na formação desses estudantes e ao EPM, com os seus múltiplos e diferenciados olhares e lugares de fala na elaboração das análises críticas.

Há que se ressaltar também a oportunidade e o privilégio de promover um diálogo intergeracional e a possibilidade do encontro com profissionais que estiveram presentes, vivenciaram e participaram da construção de momentos-chave para a museologia brasileira, latino-americana e internacional.

Muitas são as razões para a bem-vinda presença dos estudantes.

Ainda cabe destacar que a seleção dos estudantes para a constituição do Grupo de Relatoria Crítica reunindo participantes da Bahia, Rio e São Paulo, deu-se por um Edital Público.

A coordenação, muito bem-sucedida, das diversas etapas de trabalho do Grupo de Relatoria Crítica, ficou à cargo do museólogo Paulo Nascimento, pela sua experiência e vivência nos três níveis: graduação, curso técnico e pós-graduação.

Para a ACAM Portinari, parceira do SISEM-SP na realização do EPM,

é uma honra e um privilégio fazer parte da reunião e organização do conjunto de Relatos Críticos que constituem a presente publicação, que representam e dão continuidade ao debate iniciado no EPM como espaço de fala e escuta das múltiplas vozes que ressoam no campo museal na atualidade.

Movida na direção do espírito coletivo presente na realização do EPM e dessa publicação, deixo aqui registrado o agradecimento e o reconhecimento pelo trabalho de todos os envolvidos, pois o que fazemos juntos, fazemos melhor.

**Angelica Fabbri**

Diretora Executiva - ACAM Portinari

**PARTE I**

**O EPM 2022**

**PRO  
GRA  
MA  
ÇÃ  
O**



## **O Encontro Paulista de Museus 2022**

retomou as articulações presenciais do SISEM-SP após duas edições estruturadas em formato exclusivamente virtual, em virtude da pandemia de Covid-19.

Em 2022, realizamos uma Programação híbrida, contando com transmissão ao vivo da cerimônia de abertura e painéis de discussão, além de promover atividades para serem acompanhadas pelos canais on-line do SISEM.

A parceria realizada com o Museu do Ipiranga, reaberto em setembro de 2022 após um período de 9 anos em reformas, garantiu a estrutura necessária para a acomodação do público presencial. Foi no EPM que inauguramos a programação de atividades no auditório do museu.



# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

AUDITÓRIO DO MUSEU DO IPIRANGA

08  
NOVEMBRO

## 9h30 às 9h50 Coral do Museu de Arte Sacra

Sob regência de Denise Castilho Cocareli, o Coral do Museu de Arte Sacra de São Paulo é formado por 50 cantores participantes dos cursos de aprendizagem musical, oferecidos pela instituição museológica.

**Saiba mais em:** <http://museuartesacra.org.br/coral-no-museu-de-arte-sacra-de-sao-paulo/>

## 10h Cerimônia de abertura

Abertura institucional do **12ºEPM** com representantes da área da cultura e da museologia

**Participantes:** Secretário de Cultura e Economia Criativa do Estado São Paulo, Sérgio Sá Leitão; Diretora do Museu do Ipiranga, Rosaria Ono; Coordenadora da Unidade de preservação do patrimônio museológico, Paula Ferreira; Diretora do SISEM-SP, Renata Cittadin e Diretora da ACAM Portinari, Angelica Fabbri.

## 11h A nova definição de museus do ICOM e a contribuição latino-americana

Debate sobre o processo participativo de construção da nova definição de museus do ICOM e as suas implicações.

**Convidados:** Camilo de Mello Vasconcelos, Marília Bonas e William Rosas.

**Articulação:** Maria Ignez Mantovani Franco.

## 14h 50 anos após a Mesa de Santiago do Chile: ausências, aprendizados e devires?

Debate sobre a construção das definições de museus e a reverberação da Mesa-redonda de Santiago do Chile, de 1972.

**Convidados:** Hugues de Varine, Maria de Lourdes Horta e Yára Mattos.

**Articulação:** Ana Karina Calmon e Júlio Cezar Chaves



Vista geral do Auditório do Museu do Ipiranga - Foto: Andréia Naomi



Rosária Ono, diretora do Museu do Ipiranga, durante cerimônia de abertura. Foto: Andréia Naomi



Participação virtual de William Rosas, no auditório do Museu do Ipiranga - Foto: Andréia Naomi



Ana Karina Calmon e Yára Mattos no EPM2022 - Foto: Andréia Naomi



# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

AUDITÓRIO DO MUSEU DO IPIRANGA

09  
NOVEMBRO

14h

Estudos do Meio:  
promoção da  
convivência e  
respeito a todas  
as formas de vida

Debate acerca da promoção da convivência e da saúde, o cultivo de relações de solidariedade, reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida.

**Convidados:** Ana Sanches e Tiarajú Pablo D'Andrea.

**Articulação:** Inês Gouveia

16h

Território e  
Economia:  
circulando as  
memórias  
e ativando as  
comunidades

Debate acerca do espaço vivido onde se tecem relações entre poder, memórias, patrimônios e identidades.

**Convidados:** Esmeralda Serpa e Maria Vilani.

**Articulação:** Diana Poepcke



Maria Vilani, Esmeralda Serpa e Diana Poepcke no 12ºEPM. Foto: Andréia Naomi



Ana Sanches durante conversa, no auditório do Museu do Ipiranga. Foto: Andréia Naomi

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

AUDITÓRIO DO MUSEU DO IPIRANGA

10  
NOVEMBRO

**11h**

A responsabilidade  
dos museus com o  
futuro

Conversa sobre os desafios postos para os museus e para as gestões públicas no apoio à realização da sua missão, em alinhamento à nova definição de museus pelo ICOM

**Convidada:** Isabel de Paula (UNESCO).

**Articulação:** Paula Ferreira

**14h**

Educação  
Antirracista:  
responsabilidade  
partilhada e  
atuação dos  
museus

Debate acerca de ações e posturas que visam combater e romper o racismo estrutural e o seu processo histórico institucional, por práticas e valores, superando a colonialidade

**Convidadas:** Cida Moura e Jamile Borges.

**Articulação:** Marina da Silva Pinheiro

**16h**

SISEM-SP:  
desenhando  
futuros museus

Encerramento da programação do **12º EPM** em conversa aberta com os membros do Grupo Técnico de Coordenação do SISEM-SP, Renata Cittadin, Luiz Fernando Mizukami e Carolina Rocha, bem como do coordenador do grupo de relatoria do evento, Paulo Nascimento, com a participação do público.

**17h**

Apresentação  
musical: Trio Café

Formado por percussão, violão 7 cordas e voz, o grupo musical Trio Café apresentou um repertório de música popular brasileira e samba no saguão do Museu do Ipiranga.

**Saiba mais em:** <https://emesp.org.br/trio-cafe/>



Paula Ferreira e Isabel de Paula no auditório do Museu do Ipiranga. Foto: Andréia Naomi



Painel Educação Antirracista no auditório do Museu do Ipiranga. Foto: Andréia Naomi



Cida Moura e representantes do Grupo Museologia Kilombola. Foto: Andréia Naomi



Grupo técnico do SISEM-SP e coordenação do Grupo de Relatores Críticos da programação. Foto: Andréia Naomi



# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

AUDITÓRIO DO MUSEU DO IPIRANGA

# 09

NOVEMBRO

## REUNIÕES DE TRABALHO

**10h**

Conexões Baviera  
– São Paulo

Centro Pedagógico  
para Museus da  
Baviera (MPZ)

Conversa com profissionais dos setores educativos dos Museus vinculados à Secretaria de Cultura e compartilhamento de projetos.



Representantes do Centro Pedagógico para Museus da Baviera (MPZ) e educadores museais no 12º EPM.  
Foto: Andréia Naomi

**10h**  
Conexões Baviera  
– São Paulo  
Centro Acadêmico  
da Baviera para  
América Latina  
(BAYLAT)

Conversa com coordenadores dos cursos de museologia do Estado de São Paulo e apresentação de projetos de parcerias institucionais

**10h**  
Encontro de  
Articulação dos  
Sistemas Públicos  
de Museus

Grupo Técnico de Coordenação do SISEM-SP e representantes de sistemas de museus de todo país debateram a importância da mobilização do setor e a definição de agenda de trabalho comum com o IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus.



Representantes da BAYLAT no 12ºEPM. Foto: Andréia Naomi



Participantes da reunião de articulação dos sistemas públicos de museus. Foto: Andréia Naomi

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

PROGRAMAÇÃO ONLINE

**08**  
**NOVEMBRO**

## **+EPM** **PROGRAMAÇÃO ONLINE**

### **16h** Visita virtual ao Novo Museu do Ipiranga

Programação complementar, disponibilizada no canal do Youtube do SISEM-SP, apresentando um roteiro de visita ao Museu do Ipiranga, elaborado e guiado pela equipe do educativo, contendo destaques do acervo e pesquisas realizadas no museu.



Detalhe de vídeo de visita virtual ao Museu do Ipiranga, programação complementar do 12ºEPM.  
Disponível em: <https://youtu.be/QvcPDHTEZ5I?t=1>

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

PROGRAMAÇÃO ONLINE

# 09

NOVEMBRO

## Compartilhamento de experiências

Nos canais do SISEM-SP foram compartilhadas experiências, com os depoimentos de museus e processos museológicos no estado, que desenvolvem projetos inspiradores.

## Espaço Memória Carandiru

Gestão e operação colaborativas, como laboratório de práticas dos alunos do curso técnico em museologia da ETEC Parque da Juventude.

## ArquePerifa

Construção do “Laboratório de (in)formação e Inovação”

## CPDoc Guaianás

Apresentação dos projetos “Inventários participativos” e “Histórias do meu bairro”.

## Grupo Ururay

Projeto de pesquisa “Heranças Periféricas”

## Museu das Favelas

Construção da rede de relacionamentos

## Museu Comunitário do Jardim Vermelho

Formação de jovens pesquisadores e do chamamento à construção dos processos colaborativos.



Detalhe de vídeo de depoimentos da sessão “Compartilhamento de Experiências”

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

---

PROGRAMAÇÃO ONLINE

**10**  
**NOVEMBRO**

## **Compartilhamento de experiências**

Segundo dia de transmissão dos depoimentos de museus e processos museológicos inspiradores - parte da programação virtual veiculada nos canais do SISEM-SP.

## **Ecomuseu dos Campos de São José**

Identificação do patrimônio cultural da comunidade local e ações de extroversão dos saberes e fazeres.

## **Museu das Culturas Indígenas**

Processo de formação dos Conselhos/Aty Mirim.

## **Museu Tekoa Japo'i**

Concepção, mapeamento patrimonial histórico-cultural e operacionalização das rotas educativas.

## **Casa da Cultura Fazenda Roseira**

Elaboração do Roteiro Afro para escolas.

## **Museu do Folclore**

Programa Museu Vivo.

## **Museu da Língua Portuguesa**

Implantação do Protocolo de Atendimento de Públicos.



**Acesse o QR Code pela câmera do celular e  
confira a playlist da programação!**



# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

ATIVIDADES NOS MUSEUS

# 05

NOVEMBRO

## ATIVIDADES NOS MUSEUS

Compõem também a programação do Encontro Paulista de Museus 2022, as atividades realizadas em parceria com os museus da Secretaria do Estado e Economia Criativa.

**Exposição:**  
**‘Grandes  
personalidades  
negras’**

### Museu da Imagem e do Som - MIS

A atividade integrou o MIS em Cena e fomentou o reconhecimento da presença cultural africana e afro-brasileira no cotidiano, a partir de trabalhos em grafite elaborados por artistas da periferia.



Entrada da exposição “Grandes personalidades Negras”. Foto: Acervo do MIS - Museu da Imagem e do Som

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

ATIVIDADES NOS MUSEUS

# 07

NOVEMBRO

**14h30**

Encontro da Rede  
Museologia Kilombola

## Museu das Favelas

Cerimônia de entrega da Medalha reparação pela Memória Negra na Museologia - Neyde Gomes de Oliveira, à primeira museóloga negra em exercício no Brasil. Com a participação de Janaína Conceição de Oliveira Odilho, filha de Neyde Gomes de Oliveira, foi apresentada a pesquisa que documenta a historiografia da vida da museóloga, além de estudos sobre processos epistêmicos contra-coloniais nas linguagens museológicas.



Participantes do Encontro da Rede Museologia Kilombola, realizado no Museu das Favelas - Foto: Carlos Pires

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

ATIVIDADES NOS MUSEUS

# 11

NOVEMBRO

## 9h30 às 15h

Memórias em Diálogo:  
antirracismo e  
diversidade  
Visita temática  
integrada

### **Museu afro Brasil e Memorial da Resistência**

A partir de ferramentas lúdicas, os participantes exploraram as exposições de forma a refletir sobre racismo, memória afro-brasileira, religiosidade, branquitude, luta antirracista e diversidade humana.

## 11h e 15h

Bem-viver, território,  
antirracismo,  
diversidade: com  
quantos termos se faz  
um museu  
Visitas educativas

### **Museu do Futebol e Museu da Língua Portuguesa**

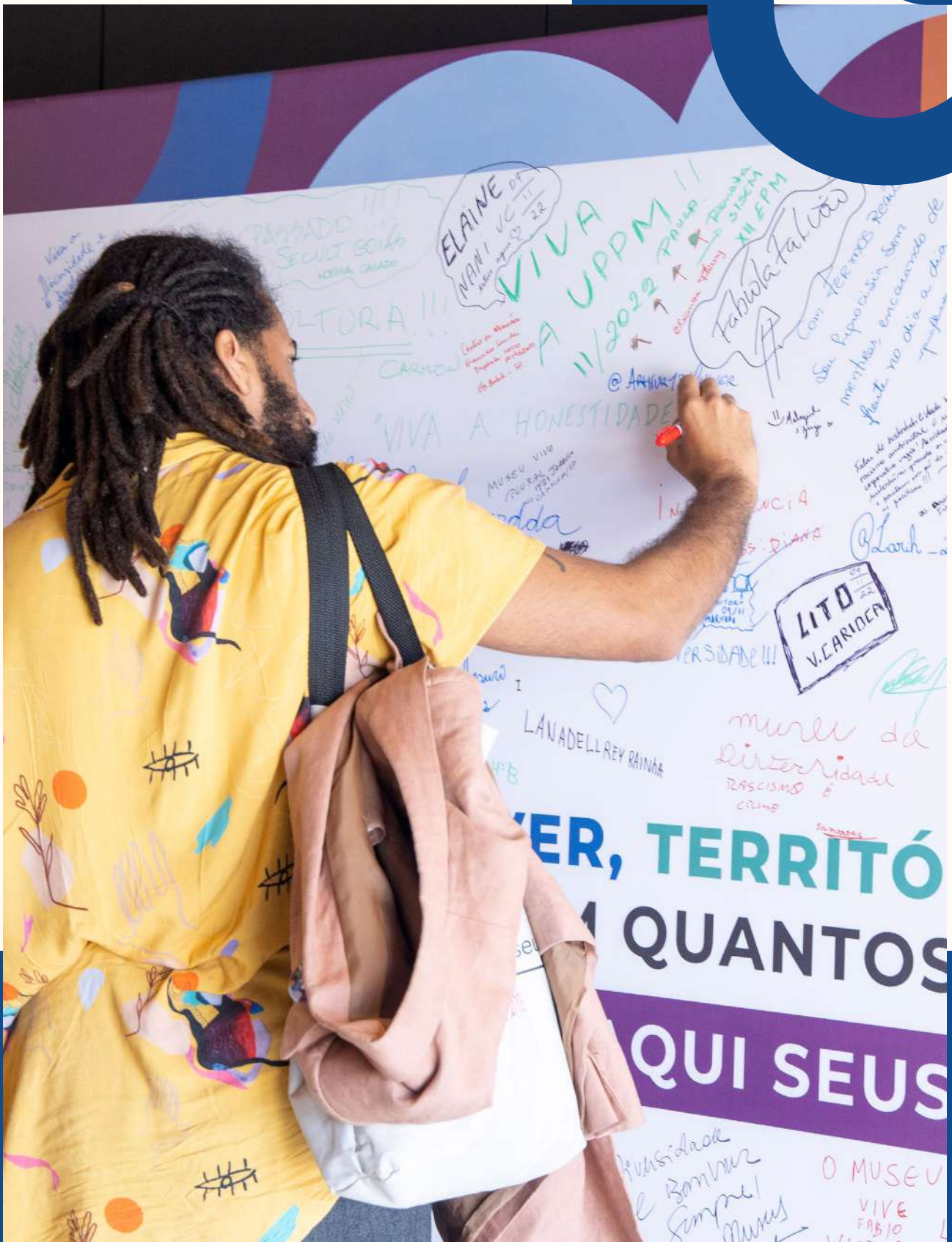
Visitas mediadas com intuito de debater a temática do EPM2022, a partir dos acervos das instituições.

## 10h e 14h30

Explorando Territórios  
e Construindo  
Memórias  
Visita temática

### **Museu de Arte Sacra de São Paulo**

Em comemoração aos 50 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile, o Núcleo de Ação Educativa do Museu de Arte Sacra de São Paulo reflete sobre o papel do museu como agente de ativação de potencialidades materiais e imateriais no território.



Participante assinando mural interativo do EPM2022 - Foto: Andréia Naomi

# ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS

ATIVIDADES NOS MUSEUS

12  
NOVEMBRO

## 9h às 13h

9º Encontro da Rede  
Temática de Museus  
de Ciências e  
Tecnologia

### **Museu Catavento**

O Museu Catavento e a Fundação de Energia e Saneamento organizam o terceiro colóquio que discute as boas práticas nos museus de ciências e tecnologia. Com a apresentação por painéis temáticos de experiências exitosas nos museus, a rede busca valorizar as trocas de saberes e práticas inspiradoras para o setor.

## 10h às 18h

Feira Afro Ilé-Ifè

### **Museu do Futebol**

A Feira reúne afroempreendedores e expõe produtos dos mais diversos segmentos, desde roupas, acessórios, objetos de decoração e muito mais. Conta-se, ainda, com uma apresentação musical de samba.

## 11h às 13h

Curta-metragem  
“Gondwana, A Bola  
Conecta”

### **Museu do Futebol**

Exibição do curta-metragem e bate-papo com realizadores da obra: Mônica Saraiva da Silva e Sebastián Acevedo Vásquez.

**EPM**

**EM**

**NÚ**

**ME**

**ROS**

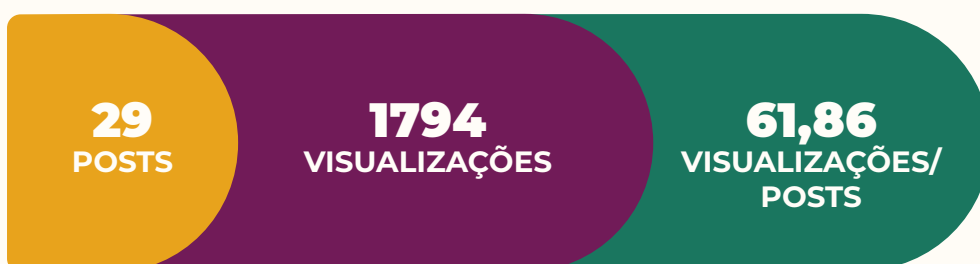




## **DIVULGAÇÃO E ENGAJAMENTO** ---

A construção do EPM decorreu de um processo extenso de planejamento e adequação da comunicação com o seu público. O website oficial do SISEM, principal repositório digital de informações institucionais e de divulgação de ações, veiculou as atualizações sobre a organização, serviços e notícias relacionadas ao Encontro Paulista de Museus.

A cobertura do evento iniciou em 04 de julho, com a divulgação do edital público para seleção dos relatores críticos da programação. Ao final, o site do SISEM-SP recebeu postagens recorrentes, cujos desempenhos podem ser visualizados aqui:



Elaboradas pela assessoria de imprensa do SISEM-SP, a divulgação de matérias e press releases posicionaram as informações do EPM2022 em editoriais de cultura, museologia, terceiro setor e cidades, em veículos impressos, on-line, rádio e televisão; de abrangência local e nacional. Ao todo foram mais de 1550 profissionais de jornalismo contatados, 251 matérias publicadas e 5 veículos credenciados para participação do evento. Os números de audiência e centimetragem, isso é, o valor publicitário do espaço que as matérias ocuparam na mídia foram:



Um dos principais focos do Plano de Comunicação do Encontro Paulista de Museus foi a participação constante do SISEM-SP nas redes sociais, garantindo o bom relacionamento com o seu público e a divulgação de informações sobre o evento. Os posts trouxeram conteúdos sobre formato híbrido do EPM2022; programação; informações de serviços e campanhas de participação social, como o processo seletivo para relatores críticos. Ao longo de todo o período de divulgação, obteve-se o seguinte alcance:





## PÚBLICO VIRTUAL

No que concerne ao acompanhamento durante os três dias de evento, o monitoramento do público virtual ocorreu pela análise de fluxo de dados obtidos pelo canal do Youtube. No gráfico a seguir, é possível identificar o número total de acessos às transmissões para cada dia da programação principal, **totalizando 1808 visualizações**:

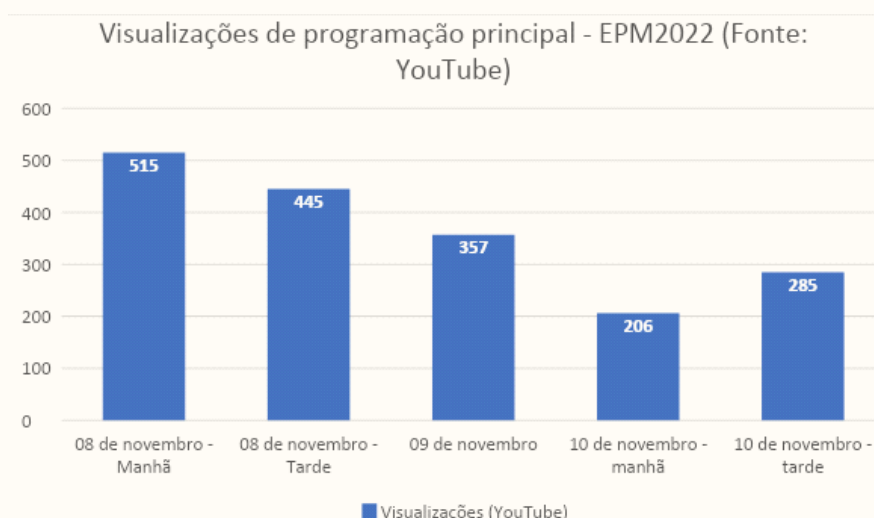


Gráfico demonstrativo das visualizações das transmissões ao vivo da programação do EPM2022. Data da última verificação: 06 de janeiro de 2023.

Na rede social, é possível identificar ainda o número de espectadores únicos de cada transmissão. Nesse indicador, o desempenho do EPM 2022 contabilizou **1142 espectadores**, distribuídos da seguinte forma:

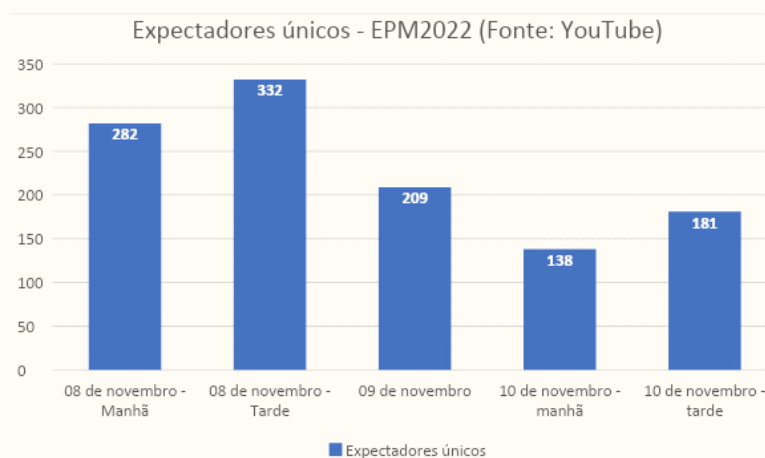


Gráfico demonstrativo das visualizações das transmissões ao vivo por espectador. Data da última verificação: 06 de janeiro de 2023

No que se refere à programação online do EPM 2022, a visita virtual ao Museu do Ipiranga, veiculada no Youtube ao término das atividades do dia 08 de novembro, obteve 297 visualizações e 247 espectadores únicos. As postagens referentes as 12 instituições participantes da sessão “Compartilhamento de Experiências”, compartilhados no Facebook, Twitter e no canal do SISEM-SP no YouTube, chegaram a **3.012 visualizações**. O desempenho individual dos vídeos pode ser verificado no gráfico a seguir:

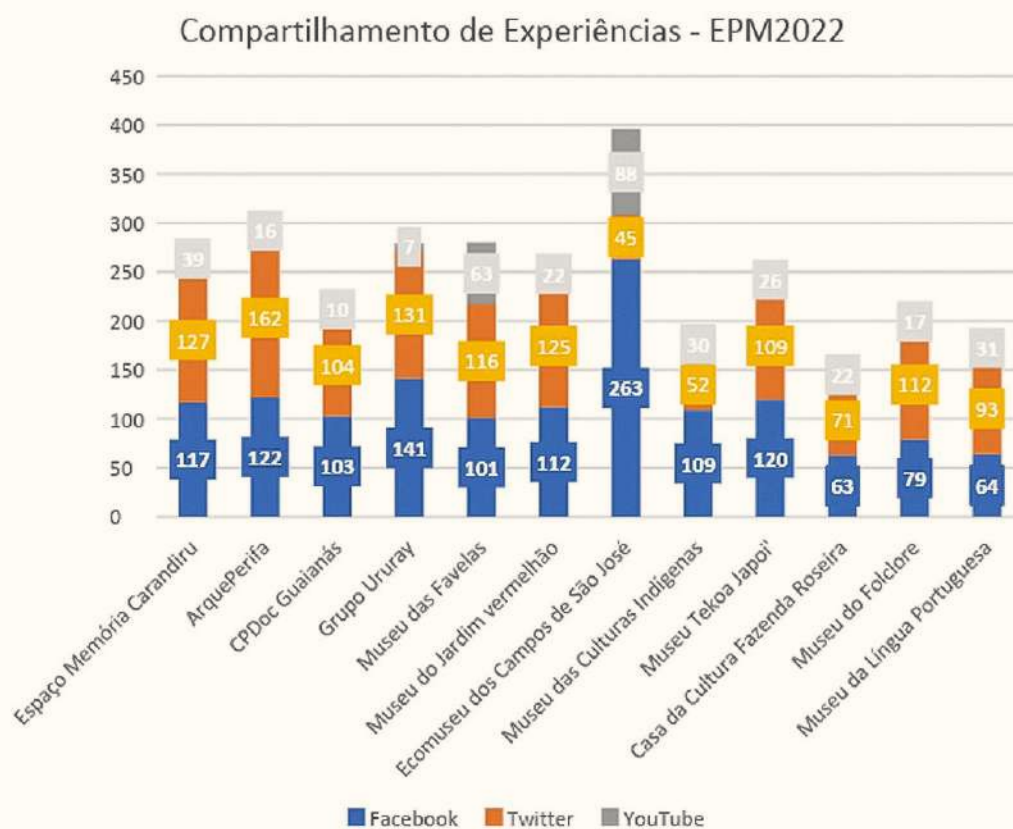


Gráfico demonstrativo das visualizações da sessão Compartilhamento de Experiências. Data da última verificação: 06 de janeiro de 2023.

## PÚBLICO PRESENCIAL

Com capacidade máxima de 204 assentos no auditório do Museu do Ipiranga, o desenvolvimento de uma estrutura de inscrições e o acompanhamento de confirmações de presença garantiu a segurança e o conforto, tanto para o público do EPM, quanto para os visitantes diários do museu. Nesse sentido, para a programação principal, a presença do público foi monitorada a partir dos dados de inscrição prévia e o respectivo credenciamento em cada dia de evento. Com base nessas informações, o público presencial do evento foi o seguinte:

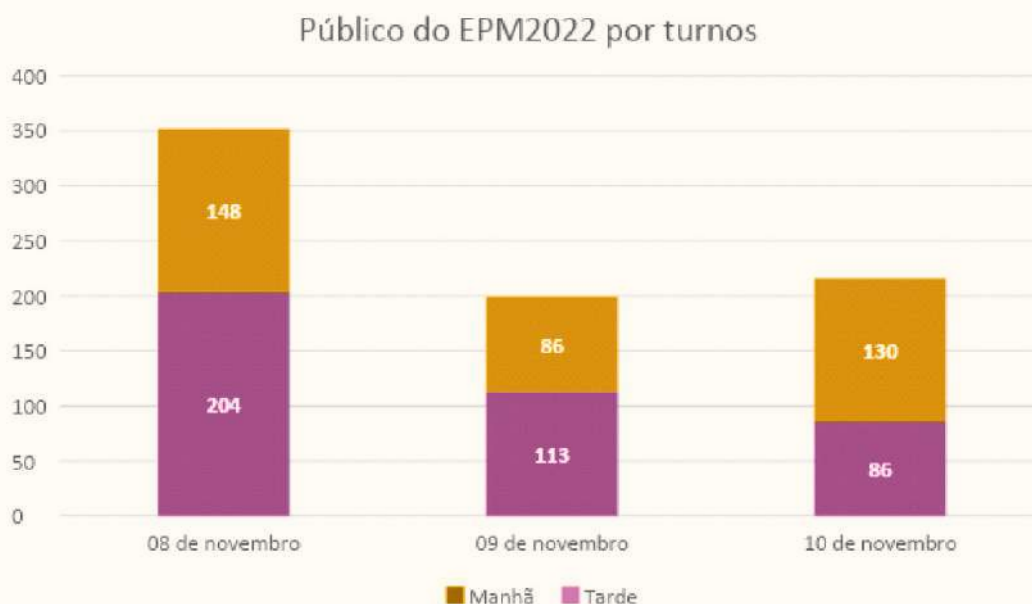


Gráfico demonstrativo do público presencial para cada dia da programação do EPM2022.

Somando os dois turnos de atividades no Museu do Ipiranga, ao longo dos três dias de atividades, houve um público total de **767 pessoas.**

Nos dados específicos sobre a origem dos participantes presentes no Museu do Ipiranga, em relação aos municípios que fazem parte do estado de São Paulo, foram constatados representantes de 35 municípios. Considerando a distribuição regional em vigência, o Polo com mais municípios representados é o Polo 7, com 09 municípios. O Polo 5, por sua vez, destacou-se pelo menor número de municípios representados, indicando apenas 1.

A tabela abaixo demonstra o desempenho do 12ºEPM quanto à sua capilaridade no Estado de São Paulo, em relação à participação presencial:

<b>POLO</b>	<b>MUNICÍPIOS</b>
<b>1</b>	São José do Rio Preto, Votuporanga
<b>2</b>	Bastos, Jaú, Piratininga, Tupã
<b>3</b>	Brodowski, Guariba, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, São Carlos, São Simão
<b>4</b>	Bragança Paulista, Campinas, Monte Mor, Paulínia, São Pedro, Sumaré
<b>5</b>	Itu
<b>6</b>	Embu das Artes, Osasco, Santa Isabel, Santo André, Santos, São Caetano do Sul, São Paulo
<b>7</b>	Caçapava, Campos do Jordão, Caraguatatuba, Guaratinguetá, Jacareí, Pindamonhangaba, Poá, São Luiz do Paraitinga, Taubaté

Tabela com municípios representados no EPM2022, por Polos SISEM-SP.

**IN  
DI  
CA  
DO  
RES**



## INDICADORES

---



Embora a padronização de indicadores possibilite a avaliação e a comparação entre os dados obtidos no EPM2022 e a sua última versão, o EPM2020, principalmente no que se refere à comunicação digital e transmissões ao vivo da programação, cabe destacar as distinções dos formatos dos eventos e a atualização das estratégias de divulgação e engajamento ao longo dos anos. A programação principal do EPM2020, primeira edição do evento em formato totalmente virtual, foi composta por 11 transmissões ao vivo realizadas nas manhãs e tardes dos dias 23 a 27 de novembro de 2020, além de contar com programações paralelas sobrepostas nas redes sociais, como os Mosaicos e os Painéis Museus na Pandemia. Já o EPM2022 combinou oito transmissões ao vivo, estimulou a participação de reuniões de trabalho, programações paralelas disponibilizadas por museus vinculados à Secretaria de Cultura e Economia Criativa e conteúdos para o acompanhamento nas redes sociais, como a visita virtual ao Museu do Ipiranga e as sessões do Compartilhamento de Experiências.

No que se refere aos dados de divulgação do evento, constatou-se que as visualizações totais das publicações no website do SISEM-SP em 2020 chegaram a 2.796 acessos, para um total de 21 matérias. São 1.002 visualizações a mais que os posts de divulgação do EPM2022 no site institucional. No entanto, novas estratégias foram incorporadas ao planejamento comunicacional, entre elas a inserção de matérias em mídias de alcance local e nacional, como jornais e rádios, que impactaram mais de 2 milhões, em audiência estimada pelos veículos contactados. Nas redes sociais, em 2020 foram publicados 51 conteúdos tradicionais sobre a programação, mais extensa quanto ao número de painéis de discussão, atingindo

a visualização média de 1.510 para cada um deles. Já em 2022, a média de visualizações para cada post esteve em 2.295, para um total de 38 publicações. Sobre este destaque positivo para o desempenho das publicações tradicionais, cabe salientar que em setembro de 2022 o SISEM passou por um processo de relançamento de sua identidade visual, bem como do Encontro Paulista de Museus, que buscou adequar a visualidade e linguagem de interação das marcas com o seu público.

Em relação a audiência da programação principal, de acordo com dados obtidos pelo Youtube, em 2020, foram 4.574 visualizações para as 11 transmissões ao vivo realizadas. Já no EPM2022, ao todo foram 1.808 visualizações das 8 transmissões ao vivo e 767 acompanhamentos presenciais.

Nesse aspecto, a experiência adquirida na organização do primeiro EPM virtual, em 2020, permitiu reaproveitar estratégias, consolidando-as como recursos de comunicação pertinentes ao SISEM-SP e planejamento do evento, além de aprimorar os modelos de interação com o público em uma programação híbrida, como propôs o Encontro Paulista de Museus 2022.



Participantes no encerramento do EPM2022. Foto: Andréia Naomi

**A  
CESSI  
BILI  
DA  
DE**

DIMINUINDO  
BARREIRAS





**A**

produção do 12º Encontro Paulista de Museus se dedicou ao estudo e à aplicação de parâmetros de acessibilidade durante todo o evento. Para a divulgação, foram disponibilizados convites audiodescritos e, para acompanhamento dos painéis, garantiu-se a tradução para a língua brasileira de sinais, espanhol e alemão, ampliando, assim, os recursos para participação abrangente dos públicos presencial e virtual.

A programação do 12ºEPM foi transmitida ao vivo, contendo legendas e tradução em libras, e os registros dos painéis de discussão. A visita guiada ao Museu do Ipiranga e os depoimentos da sessão Compartilhamento de Experiências podem ser acessados na íntegra pelo canal do Youtube @sisemsp ([www.youtube.com/@sisemsp](http://www.youtube.com/@sisemsp)).

A fim de ampliar ainda mais o alcance das reflexões proporcionadas na semana, em cooperação com a Rádio da ONCB - Organização Nacional dos Cegos do Brasil, foram realizadas entrevistas com os participantes dos painéis para o quadro De Olho na Inclusão, (<https://youtu.be/8N3fAbCMNvw>), além da retransmissão da programação para o canal radiofônico.



Intérprete de libras em transmissão ao vivo do EPM2022. Foto: Andréia Naomi.

**PARTE II**

**RELA**

**TOS**

**CRÍ**

**TI**

**COS**



# A RELATORIA DO ENCONTRO PAULISTA DE MUSEUS



Grupo da relatoria crítica da programação EPM2022 e GTC SISEM-SP. Foto: Andréia Naomi



Encontro Paulista de Museus - EPM é uma realização do Sistema Estadual de Museus de São Paulo - SISEM/SP. Em 2022, com a parceria da Organização Social ACAM Portinari e após o período de distanciamento social devido à Pandemia de Covid-19, o EPM

realizou a sua 12ª edição com o tema: “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?”.

Desde as primeiras edições do EPM, como já é tradição, são designados relatores para acompanhar o Evento. O objetivo sempre foi fazer um

registro de memória e, ao mesmo tempo, uma análise crítica do que foi discutido ao longo dos EPMs.

Em 2022, a equipe de organização manteve os relatos críticos, mas adotou modificações no seu formato. A primeira mudança foi abrir um edital público para a seleção da relatoria crítica. Outra alteração se deu em relação aos critérios de escolha dos relatores. Se antes eram baseados na proximidade do profissional com o universo museológico ou na sua relação com o tema a ser relatado, no 12º EPM foram selecionados estudantes de museologia dos cursos de graduação no Brasil, do Curso Técnico em Museologia da Etec Parque da Juventude - Centro Paula Souza e do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP (PPGMus/USP).

Dessa forma, foram privilegiadas três instâncias de formação em Museologia que atuam no território paulista, assim como ficou evidenciada também uma maior participação de estudantes no 12º EPM e o seu protagonismo. No total foram selecionados nove relatores, sendo três de cada instância de formação, além de também observar critérios de diversidade evocados no título do Evento.

Antes de adentrarmos no relato em si de como transcorreram os

trabalhos após as modificações, para uma melhor contextualização do leitor, é necessário pontuar dois aspectos.

O primeiro ponto diz respeito ao olhar específico que cada uma dessas instâncias de formação traz para o campo museológico. É importante que se diga que a convivência entre os profissionais egressos desses cursos de formação no território paulista não ocorre sem conflitos, entretanto, o viés da equipe de organização do 12º EPM, ao escolher estudantes de diversas instâncias de formação, optou pelo “bem-viver”, lembrando novamente o título do evento. Assim, ao invés de reforçar pontos que desagregam e de contenda, a Equipe ressaltou os elementos positivos, de complementaridade e de contribuição que cada um desses cursos trouxe à área dos museus. Enquanto os egressos do Curso Técnico em Museologia desenvolvem habilidades e competências para uma atuação precisa e técnica no âmbito do operacional, sempre sob a supervisão de outros profissionais, o graduado em Museologia desenvolve um olhar mais holístico, orgânico, voltado para o todo e na sua relação com as partes, bem como para o adequado funcionamento do sistema museológico (pesquisa, preservação e comunicação). O egresso do PPGMus/USP volta a sua lente para elementos mais específicos e

com um olhar mais aprofundado sobre essas questões, a partir de determinados temas, problemas e questões que são primordiais para o desenvolvimento do campo. Essas são algumas características de cada uma dessas instâncias de formação e que se complementam.

Também é importante ressaltar que, embora o critério de seleção fosse a condição de estudante vinculado a um determinado curso de formação, não é possível ignorar que os relatores trouxeram consigo o seu repertório. Muitos (quase todos) possuíam formação em outras áreas do conhecimento e tinham uma rica bagagem de outras vivências e experiências profissionais. Esse foi um diferencial que impactou diretamente no amadurecimento dos textos produzidos e nas discussões durante o desenvolvimento do trabalho.

Sobre a metodologia adotada, buscou-se a mais simples possível, que possui três etapas. O primeiro estágio concerne à preparação. Nesse primeiro momento foram realizadas reuniões entre coordenação, relatores e organização do 12º EPM. Foram feitas as apresentações entre os participantes, a metodologia foi discutida e cada relator apontou três mesas de interesse na programação. A partir dessas indicações, as relatorias foram atribuídas com antecedência

para que tivessem tempo de estudar os currículos dos palestrantes e fazer leituras complementares sobre o tema a ser relatado.

O segundo momento ocorreu durante a realização do 12º EPM e podemos chamá-lo de etapa de acompanhamento. Essa etapa foi concernente a reuniões entre coordenação e relatores, o acompanhamento da programação e a coleta de material auxiliar pelos relatores, bem como a realização de entrevistas com os palestrantes. Nos encontros diários entre os relatores e a coordenação, cada relator apresentava um breve resumo oral da mesa que tinha acompanhado e os demais membros do grupo e coordenação expunham as suas opiniões e comentários, de forma a oferecer mais subsídios para o relator.

O terceiro e último momento ocorreu no pós-evento, sendo essa a etapa de finalização. Após o 12º EPM cada relator teve um prazo para apresentar um primeiro rascunho. Esse material foi analisado pela coordenação e devolvido ao relator para posterior redação e a finalização do trabalho.

Em suma, o que se pode dizer, em linhas gerais sobre a experiência, é que foi um desafio de início e que se tornou gratificante ao final. Foi possível desenvolver um trabalho

de troca e construção coletivas, mas, ao mesmo tempo, preservando os posicionamentos e expertises individuais. É importante ressaltar que, embora a metodologia adotada leve a imaginar uma elaboração a várias mãos, os textos são autorais e todos os relatores tiveram total autonomia na escrita. Os debates e momentos no coletivo, assim como as observações da coordenação serviram apenas de suporte.

Tudo isso concorreu para o resultado que se apresenta a seguir. Esperamos que o leitor que não teve a oportunidade de participar do evento possa ter a dimensão da relevância e da importância do que foi discutido durante o 12º EPM. Aos que participaram, esperamos que os relatos possibilitem revisitar os temas e que instiguem novas reflexões.

**Boa leitura!**

**Paulo Nascimento**

Coordenador do Grupo de Relatoria Crítica do EPM2022

Graduado em Museologia pela UFBA

Mestre em Museologia pelo PPGMus/USP

Ex-professor do Curso Técnico em Museologia

Etéc Pq. da Juventude – Centro Paula Souza

# A RESISTÊNCIA E A RESILIÊNCIA DA AMÉRICA LATINA NA NOVA DEFINIÇÃO DOS MUSEUS



Marília Bonas, Maria Ignez Mantovani, Camilo Vasconcelos e William Rosas, virtualmente. Foto: Andréia Naomi

## Danieli Giovanini do Carmo Leite<sup>1</sup>

**U**m dos marcos mais significativos para a Museologia na atualidade foi a nova definição dos museus promovida pelo ICOM, transcrita abaixo. Como não poderia deixar de ser, o tema do 12º Encontro Paulista de Museus, “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?”, foi relacionado

à nova definição, especificamente a alguns dos termos que não foram considerados no texto final, mas elencados pelo comitê do Brasil. Entre os termos escolhidos e preteridos, fica a dúvida: poderiam alguns termos definirem a extensão do significado dos museus para a América Latina?

<sup>1</sup> Danieli Giovanini do Carmo Leite, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo - Mestre em Museologia.

*Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, colecciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.<sup>2</sup>*

Logo na mesa de abertura do EPM, Angelica Fabbri, Diretora da ACAM Portinari, citou uma importante frase de Waldisa Rússio - “A ação transformadora dos museus começa pela reflexão nova que eles fazem sobre si mesmos” (RÚSSIO, 1989) -, como uma síntese da questão, que se relaciona diretamente com a mesa do relato aqui desenvolvido, intitulada “A nova definição de museus do ICOM e a contribuição Latino-americana”. Ora, essa é uma excelente forma para se introduzir a América Latina e a sua contribuição para o pensamento museológico mundial, pela citação de uma das nossas grandes pensadoras e teóricas da Museologia, que até hoje, e de modo ainda atual, contribui para o estudo e a prática museológica para muito além das nossas fronteiras.

Falar da América Latina é entender um grande continente com países de culturas em extremo diversas entre si, mas com a mesma marca da herança colonial, cujos museus ainda reproduzem muito essa colonialidade, porém, ao mesmo tempo, a América Latina é o berço dos museus comunitários e da Museologia Social, entre outras práticas museais que privilegiam as pessoas e os problemas da sua comunidade.

Voltando à mesa em si, uma palavra que poderia definir seria a força, simbolizada pela postura altiva de Maria Ignez Mantovani Franco, pelo batom vermelho e a técnica de Marília Bonas, pela assertividade de Camilo de Mello Vasconcelos e pela resiliência de William Rosas. Contudo, assim como nem mesmo vários termos foram suficientes para definir aos museus, tampouco apenas uma palavra poderia definir o debate dessa mesa, tendo, desse modo, uma percepção simbólica, não um delimitador.

A mediação de Maria Ignez contextualizou todo o processo da redefinição do conceito de museu e do protagonismo da América Latina no ICOM Define, coordenado por dois latino-americanos, sendo um deles o museólogo brasileiro Bruno



Brulon. Dessa forma, o texto da nova definição foi resultado de um processo colaborativo, que durou quase dois anos e envolveu profissionais de todo o mundo. Só no Brasil, mais de 1.600 pessoas participaram dos debates promovidos pelo ICOM Brasil. Para a mediadora, então, o fato do notável engajamento brasileiro demonstraria a força e a importância dos museus brasileiros e das suas práticas para a comunidade externa.

Já Marília Bonas, além de destacar a maior representatividade no ICOM na América Latina, enfatizou que a pesquisa para a definição contou também com a participação de não-membros, razão do número grande de participantes. A debatedora deu atenção especial para a redação dos vinte termos, que de fato representariam a realidade museal da América Latina, em especial no trabalho com as comunidades.

Na sua fala, Camilo Vasconcelos destacou que a nova definição de museus é “a definição possível, tendo em vista que o ICOM ainda é uma instituição eurocêntrica, etnocêntrica”, merecendo atenção a participação da América Latina para essa definição e que “Uma definição é uma definição se ela reflete o que a gente faz”<sup>3</sup>. Logo,

mais importante do que a definição são as práticas que inspiraram a participação e a inclusão de termos fundamentais na discussão e na própria definição de museu, como diversidade, comunidade, inclusão e acessibilidade, que teria tido a sua gênese nos projetos museológicos de caráter comunitário, decolonial, já desenvolvidos e em desenvolvimento na América Latina. Dessa forma,

*[...] na verdade a chave deveria ser ao contrário, não é a contribuição da nova definição de museus para a realidade latinoamericana, eu digo que a realidade latinoamericana é que alimentou a nova definição de museus. Hoje eu tenho a certeza de que os processos museológicos que aqui acontecem nos fazem ser absolutamente respeitados e ter a consciência de que nós temos muito mais a dizer do que ouvir da realidade museológica europeia [...].<sup>4</sup>*

A definição proposta em Kyoto foi extremamente problemática, destacada pelos três debatedores a ausência da palavra “educação”. Camilo destaca que, para os latino-americanos, a função educacional do museu é fundamental, sendo ela defendida sempre e de modo significativo.

3 Informação verbal. Fala de Camilo de Mello Vasconcelos no 12º Encontro Paulista de Museus, na mesa “A nova definição de museus do ICOM e a contribuição Latinoamericana”, São Paulo, 8 de novembro de 2022.

4 Informação verbal. Fala de Camilo de Mello Vasconcelos no 12º Encontro Paulista de Museus, na mesa “A nova definição de museus do ICOM e a contribuição Latinoamericana”, São Paulo, 8 de novembro de 2022.

William Rosas destacou termos que são em especial caros à museologia colombiana, como “antirracistas, antinegacionistas, anticoloniais, participativos e radicalmente democráticos” não entraram na definição final, que, por isso, não representaria o ambiente museológico colombiano atual, em profundo processo de mudança. Entretanto, Rosas ressalta a importância estratégica para a América Latina que a nova definição potencializa, uma vez que poderá embasar e motivar políticas públicas. Ademais, ele destaca o papel dos museus para a inclusão simbólica de pessoas com o direito à memória negado e com acesso não inclusivo à cultura.

Um ponto em comum nas três falas e inclusive indagado por Maria Ignez, foi como a nova definição de museus deve ajudar na estruturação de políticas públicas, tanto no Brasil como na Colômbia. Nesse contexto, Marília indicou a necessidade de atualização do Estatuto de Museus e citou exemplo da articulação social do Museu da Língua Portuguesa, com ações colaborativas, com verbas e investimentos em longo prazo.

Camilo Vasconcelos ainda destacou a potencialidade da Museologia latino-americana continuar a ser artífice das mudanças como as que impulsionaram a nova definição de museus. No entanto, para isso,

seria necessário um incremento de investimento na formação, pois pelos novos profissionais nos museus seria possível o desenvolvimento de novas práticas, de forma a ressignificar os museus, no Brasil, na América Latina e no mundo.

Como estudante de Museologia, senti a responsabilidade de continuar esse trabalho gestado, iniciado e desenvolvido por tantos profissionais anteriores, não esquecendo dos profissionais vindouros. Assim, concluo o relato com outra citação de Waldisa Rússio: “Há, na realidade, uma Museologia existente, real, que está aí fora, e há uma postulada, sonhada, desejada” (RÚSSIO, 1984, p. 65). Dessa forma, apresenta-se a reflexão quanto ao estímulo e até mesmo a provocação aos novos profissionais dos museus, para que tragam as ondas de renovação à Museologia Latino-americana, que reverberam no ICOM. Da próxima vez, não deve haver também uma espera de mais 50 anos para uma nova definição e é preciso que ela acompanhe as práticas emergentes e dinâmicas das pessoas que trabalham em museus na contemporaneidade e que seja cada vez mais inclusiva e menos eurocentrada. A nós, cabe continuar a contribuir para a Museologia “desejada”.



Marília Bonas, Camilo Vasconcellos e Maria Ignez Mantovani após o painel de abertura do EPM2022.  
Foto: Andréia Naomi.

## REFERÊNCIAS

- RÚSSIO, Waldisa Guarnieri. Presença dos museus no panorama político-científico-cultural. In: Cadernos Museológicos. 2. ed. Rio de Janeiro: SPHAN - Pró-Memória, 1989, p. 72-78
- RÚSSIO, Waldisa Guarnieri. Texto III. In: Produzindo o Passado - Estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SISEM. EPM-2022 - 08 de novembro | manhã. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5hJ5MAxp7AE&list=PLF9wR3xIXzRZ7zqrbcNty3o0xAhC9zG0U>.

# 50 ANOS APÓS A MESA DE SANTIAGO DO CHILE: UM RELATO DE AUSÊNCIAS, APRENDIZADOS E DEVIRES



Participação virtual de Hugues de Varine durante o EPM2022. Foto: Andréia Naomi

## Andressa Lima Batista<sup>5</sup>

**E**m 1972, em Santiago do Chile, sob governo de Salvador Allende<sup>6</sup>, a Dra. Grete Mostny Glaser<sup>7</sup>, realizou em parceria com a UNESCO e com o ICOM a Mesa Redonda sobre o Desenvolvimento e o Papel dos Museus no mundo Contemporâneo (PRIMO, 1999), em um dos Estágios de Estudos Regionais produzidos pela UNESCO entre 1962 e 1972, tendo como sedes México, Nigéria, Índia e

Chile. Além da mudança de formato, outro diferencial considerável do evento chileno foi ter como idioma oficial o espanhol, marco histórico para uma organização eurocentrada, assumindo documentalmente:

*Que a humanidade vive atualmente em um período de crise profunda; que a técnica permitiu à civilização material realizar gigantescos progressos que não*

<sup>5</sup> Andressa Lima Batista, Universidade Federal da Bahia - Bacharelada em Museologia.

<sup>6</sup> Primeiro socialista marxista a ser eleito de forma democrática como Presidente da República e Chefe de Estado na América.

<sup>7</sup> Grete Mostny é austríaca, chegou ao Chile em 1939. Entre 1964 e 1982, esteve na direção do Museu Nacional de História Natural, promoveu ações concretas e fundamentais para o desenvolvimento da museologia no Chile, executando a articulação para o evento.

*tiveram equivalência no campo cultural; que esta situação criou um desequilíbrio entre os países que atingiram um alto nível de desenvolvimento material e aqueles que permanecem à margem desta expansão e que foram mesmo abandonados ao longo de sua História [...] (ICOM, 1972, p. 1).*

A ideia do desenvolvimentismo no Museu empregada na Mesa Redonda de Santiago numa disputa de ideias entre a generalização do progresso e expansão intelectual moral e espiritual, ocorreu no sentido de tempo linear e tomando uma ideia de Europa como referência, visando uma política econômica, que pela participação estatal ativa induz o fortalecimento do mercado interno e um novo pensamento da Museologia a partir da territorialidade, retirando o objeto tridimensional com centro da área de pesquisa e (re)pensando o ser humano, a sua cultura e a identidade que atribui valor a materialidade e imaterialidade atravessadas por memórias. Basicamente, para alguns, enquadrar-se como um país (subjugado como) subdesenvolvido indica que o seu progresso e o processo são lineares para um dia alcançar os países (subjugados como) desenvolvidos, mediante o sistema econômico vigente, na

época e na contemporaneidade, desigual por essência.

O encontro gira em torno de duas temáticas-chave: a questão do espaço rural, encarando a reforma agrícola como fator indispensável para o futuro no qual o rural não se dissocia do urbano, relacionando a instituição museu como “um fator de mudança social” (IBERMUSEOS, 1972, p. 125) e a questão científica-tecnológica, encarando a ciência e a tecnologia (C&T) como instrumentos essenciais para a modernidade, partindo do pressuposto que na América Latina quem assume a gestão de tais ferramentas são as empresas internacionais que na sua maioria seguem uma lógica econômica privada e por não trabalhar com atividades científicas importam tecnologias externas na sua maioria ultrapassadas em países desenvolvidos, enfraquecendo tecnologias de povos originários dos territórios, sendo submetidas à dominação econômica (IBERMUSEOS, 1972).

O papel científico-tecnológico do Museu foi direcionado sobretudo aos museus de história natural. Nas palavras de Mário Teruggi<sup>8</sup> (IBERMUSEOS, 1972, p. 134), “o museu não deve ser isolado do seu ambiente e deve ajudar a promover a educação

---

8 Chefe da Divisão de Mineralogia e Petrologia representando o Museu de la Plata localizado na Argentina esteve no evento como expositor do tema “Os museus e o desenvolvimento científico e tecnológico”.

integral dos membros da comunidade que atende [...]”, pois apenas a contemplação pela contemplação não sustenta o crescimento de uma instituição que registra, mas expõe e conserva narrativas a partir dos seus acervos materiais e/ou imateriais. Os participantes da Mesa Redonda de Santiago do Chile discutem como, a partir daquele momento, seria o projeto de desenvolvimento destas questões ligadas diretamente aos problemas sociais e culturais presentes nas relações da sociedade, assim, portanto, assume-se um caráter educativo para o Museu, identificando-o como “[...] uma instituição a serviço da sociedade” (IBERMUSEOS, 1972, p. 118).

A mesa criou um ambiente de disputa e efervescência de ideias, como os termos “Museu Social”, uma instituição que se vincula à sociedade e estabelece compromissos poéticos, políticos e científicos (CHAGAS; GOUVEIA, 1986; MOUTINHO, 1993) e “Museu Integral/Integrado”, entendendo o papel transformador da instituição, que se caracteriza como um instrumento de percepção, poder e posse da memória humana.

*Integral porque aborda aspectos além dos tradicionais, de modo a melhor atender às necessidades das pessoas e promover uma vitalidade cultural das sociedades às quais os museus pertencem. Para isso, seria necessário cruzar fronteiras e enfrentar resistências conservadoras. [...] Por outro lado, o museu integrado é visto como um elemento integral e orgânico de uma estrutura social e cultural maior, como um elo de uma corrente e não mais como uma fortaleza ou ilha com acesso restrito a um grupo pequeno de privilegiados (IBERMUSEOS, 1972, p. 105).*

A partir desse breve contexto é enunciada a Relatoria Crítica da mesa “50 anos após a Mesa de Santiago do Chile: ausências, aprendizados e devires” realizada no XII Encontro Paulista de Museus (EPM) “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?”, organizado pelo Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SECEC/SP), em parceria com a ACAM Portinari<sup>9</sup>. A mesa ocorreu no primeiro dia de atividades logo após as provocações sobre a temática do evento relacionado ao novo conceito de Museu divulgado pelo ICOM<sup>10</sup>, contou com a Articulação da Dra. Ana Karina Calmon

9 A ACAM Portinari (Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari) é uma Organização Social de Cultura, que administra quatro equipamentos culturais pertencentes ao Governo do Estado de São Paulo e apoia as ações do SISEM-SP (Sistema Estadual de Museus), que articula cerca de 415 instituições públicas e privadas, de 190 municípios.

10 ICOM. Definição de Museu. 2022. Disponível em: <https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 24 nov. 2022.

e o Me. Júlio César Chaves e como palestrantes convidadas receberam Yára Mattos, Maria de Lourdes Horta e Hugues de Varine.

A provocação inicial pelos articuladores girou em volta do significado da Declaração e das suas reverberações na atualidade, constatando-se um saudosismo na forma de pensar Museu/Museologia oriunda da Europa e a uma “museologia paulistana”, como pontua Maria de Lourdes, que explicita também o conhecimento tardio da documentação de Santiago e seus desdobramentos pelos profissionais brasileiros da sua região na época. Notou-se um discurso nostálgico e de admiração sobre o compartilhamento da Declaração pelas palestrantes Maria de Lourdes e Yára, com a ausência de uma análise crítica do gerenciamento, da intenção e da época em que os documentos foram compartilhados pelo ICOM. Após a exposição das suas vivências, é citada pela Dra. Ana Karina a participação das teóricas Maria Célia Teixeira e Waldisa Rússio na divulgação dos desdobramentos gerados. A discussão caminhou com a relação do Brasil com a América Latina e trouxe pontos cruciais, de antemão concordado entre as palestrantes, de que não havia uma política de ampla comunicação territorial no Brasil, dificultando o conhecimento do externo e a divulgação do interno.

Ora, como um país de escala continental que não tinha uma comunicação fluida entre as suas regiões locais poderia ter uma comunicação fluida com o seu continente?

Além disso, é destacado por Maria de Lourdes que a linguagem também se configurou num obstáculo, pois a língua brasileira tem matriz portuguesa, contrapondo-se a outros países latinos que, na sua maioria, possuem matriz espanhola. Quanto às representações do Brasil nas Declarações foi citado os nomes de Lygia Martins Costa e Maria de Lourdes Horta, em Santiago e Caracas, respectivamente, sendo apresentada por Maria de Lourdes a exclusividade de pessoas em cargos de gestão/direção como pontos-chave para o entendimento sobre a ideia de Brasil evidenciada. Yára cita as suas experiências na Associação Brasileira de Ecomuseus e Museus Comunitários em função do fortalecimento, apoio e difusão de museus comunitários, ecomuseus e processos similares em prol do desenvolvimento comunitário, sustentável cultural e educacional do patrimônio como instrumento de emancipação humana e social.

Considerando o recorte racial, é necessário apontar que na mesa, além da mestre de cerimônia,

as intérpretes de LIBRAS e os articuladores dentre as palestrantes apenas Hugues de Varine destacou a sua consciência racial, colocando-se como ouvinte para o contemporâneo e defensor de formas alternativas e ativistas de pensar Museu e Museologia, ressaltando que por Santiago surgiram e não de surgir alternativas para o Museu e o Patrimônio, à serviço da comunidade e reforçando que a conjuntura política daquele período favoreceu a sua escolha de Santiago como sede. É importante ressaltar que desde a década de 1990, os estudos sobre a branquitude e relações de poder em relação ao lugar que o sujeito branco ocupa na sociedade, vem se consolidando na América Latina. O pacto narcísico da branquitude é reafirmado na escolha de não demarcar a raça como critério de descrição expondo “um sistema de pseudojustificações, de estereótipos, ou a processos de domesticação psicológica” (RAMOS, 1957, p. 219), para além das violências físicas alcançadas pelo racismo.

Em suma, a mensagem dos articuladores para as próximas gerações fora em torno da manutenção e do fortalecimento de marcadores presentes na Museologia Contemporânea Brasileira, destacando a forma

de auto-organização em redes como um símbolo das gerações contemporâneas, que assim como em Santiago, foi conduzido pela conjuntura política federal favorável, majoritariamente progressista, e pelo avanço tecnológico, permitindo uma comunicação virtual direta. Com relação à Declaração de Santiago, pontos basilares de menção e crítica implica contradição da constante concessão com o sistema econômico vigente. Nas suas resoluções, fala-se sobre a reforma agrária, mas não faz menção a redistribuição de terras, se propõe a provocar relação com áreas rurais, mas se limita às ações para a comunidade e não com a comunidade. Na mesa se fala sobre uma relação com o centro urbano sem mencionar territórios que mesmo próximo estão em situação periférica socioeconomicamente enfraquecida por causa, sobretudo, do eixo racial.

O conceito de desenvolver é posto como o fundamento da Mesa de Santiago, com a ideia de fortalecer, aprimorar, fazer progredir e evoluir. Porém, reforça-se um projeto de desenvolvimento cultural-econômico e social, em que as antigas metrópoles permanecem nos seus espaços de poder, passando por transformações pelo “colonialismo do poder e do conhecimento (QUIJANO,



2000, tradução nossa)<sup>11</sup>. Diante disso, a fim de provocar reflexões de temáticas que não se esgotam em palavras no papel, faz-se necessária a relação com a visão contra colonial de Antônio Bispo dos Santos acerca do Envolvimento (SANTOS, 2020)<sup>12</sup>, construindo um novo panorama de Confluência (SANTOS, 2015, p. 89)<sup>13</sup>, por uma Cultura/Memória (e por consequência dos seus registros), que envolve para não desenvolver no seu sentido literal, sendo uma contribuição contemporânea que induz a reflexão entre gerações.

É de comum acordo que a Mesa Redonda de Santiago do Chile e a sua Declaração fincou rupturas ao “modelo verticalista” (LICUIME, 2007)<sup>14</sup> do museu dito tradicional, porém, o trabalho de defender os ideais discutidos na época é constante e, como aponta Maria de Lourdes na mesa, deve ser plenamente apoiado por gestores, visando o cumprimento do papel social dos Museus. Assim, é resultado da relatoria que se deve partir do conhecimento local para entender e se comunicar com o continental e, um dia, alcançar um possível global,

entendendo o caráter transformador do espaço museu (instituição) e, por conseguinte, do processo museu (fenômeno) na sociedade, visto que “os problemas revelados pela sociedade contemporânea estão, na sua maioria, enraizados em situações de injustiça e não podem ser solucionados até que essas injustiças sejam corrigidas” (IBERMUSEOS, 1972, p. 118).

No dia seguinte à Mesa ocorreu uma entrevista com todos os participantes, exceto Hugues de Varine. Visto a ausência da colocação dos devires na Mesa pelas palestrantes, foi apresentada a seguinte provocação, baseada na experiência de assistir a mesa pela relatora: “Entendendo que o conhecimento e as reverberações da Mesa de Santiago do Chile chegaram de forma tardia no Brasil, indicando a não realização do discurso há exatos 50 anos, como vocês reconhecem as diferenças epistemológicas e como elas reverberam hoje?”. As respostas foram diversas: Ana Karina citou as museologias disciplinadas e indisciplinadas de Clóvis Britto para propor um convite a nós como nação, de nos olharmos com

---

11 Termo cunhado por Aníbal Quijano, que foi um sociólogo e pensador humanista peruano, conhecido por ter desenvolvido o conceito de “colonialidade do poder”, em que a raça se torna, então, “critério de manutenção na estrutura de poder da sociedade”.

12 Termo cunhado por Antônio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo, quilombola formado pelos ensinamentos de mestres de ofício do seu território. Destaca-se pela sua atuação fortemente relacionadas à sua formação quilombola, evidenciada por uma cosmovisão, a partir da qual os povos constroem, em defesa dos seus territórios tradicionais, símbolos, significações e modos de vida. Desse modo, o sentido de Envolvimento (SANTOS, 2020) perpassa pela contra-colonialidade, a fim de envolver saberes que culminem em trocas.

13 Confluência “é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas” (SANTOS, 2015, p. 89)

14 Luis Alegría Lucuime (Facultad de Estudios del Patrimonio Cultural - Universidad SEK) fala sobre o modo dito “tradicional” e linear de pensar e fazer Museologia.

atenção, buscando, sobretudo, a resistência dos profissionais. Maria de Lourdes expôs a importância do pertencimento da sociedade nas instituições. Yára mencionou a importância de uma gestão não engessada e interdisciplinar para contribuir com a instituição. Julio evidenciou que a Declaração de Santiago é um projeto a ser aplicado nos museus do mundo. O intuito foi o de provocar a reflexão dos leitores, afinal, essa discussão também é sobre os devires. Entendendo o Brasil como um país

de escala continental e pensando na temática do EPM, quais são as ausências da Museologia Brasileira (plural/local) com a Museologia Brasileira (“europeizada”), visando a não estagnação/esvaziamento de adjetivos como social, Quilombola, LGBTQIA+, Nordestina, dentre outros grupos?



Júlio Cezar, articulador do painel. Foto: Andréia Naomi

## REFERÊNCIAS

- CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês. *Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)*. Cadernos do CEOM / Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, v. 1, n. 1, p. 09 - 22, jan./jul. 2014.
- IBERMUSEOS; IBRAM. *Mesa redonda sobre la importancia y el desarrollo de los museos em el mundo contemporáneo*. In: NASCIMENTO JUNIOR, José do; TRAMPE, Alan; SANTOS, Paula Assunção dos (orgs). *Mesa Redonda de Santiago de Chile, 1972*. Brasília: Ministério da Cultura, IberoMuseus, 2012.
- IBRAM. *Revista Museum*. Brasília: Ministério da Cultura, IberoMuseus, 2012. Disponível em: [https://issuu.com/julianaalbuquerque/docs/vol\\_Lii\\_tela](https://issuu.com/julianaalbuquerque/docs/vol_Lii_tela) Acesso em: 09 dez 2022.
- ICOM. *Mesa-redonda de Santiago do Chile - ICOM, 1972*. *Cadernos de Sociomuseologia*, Santiago, v. 15, n. 15, p. 1 - 2, mai.1972. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/335> Acesso em: 24 nov. 2022.
- LICUIME, Luiz Alegría. *A 35 años de la mesa de Santiago: una doble ruptura museológica*. 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/385974681/A-35-anos-de-la-mesa-de-Santiago-Una-doble-ruptura-museologica-pdf> Acesso em: 24 nov. 2022.
- MOUTINHO, Mário Caneva de Magalhães. *Sobre o conceito de museologia social*. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 1, n. 1, 05 - 06, nov.1993.
- OS Guardiões da Memória e a Covid-19. Com: Antônio Bispo dos Santos. *Rede Museologia Kilombola*. Instagram, 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CEDLjmxpS7s/?igshid=YmMyMTA2M2Y%3D> Acesso em: 24 nov 2022.
- PRIMO, Judite. *Museologia e Patrimônio: Documentos Fundamentais - Organização e Apresentação*. Tradução de Marcelo M. Araújo e Maria Cristina Bruno. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 15, p. 95-104, Abr. 1999.
- QUIJANO, Anibal. *Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin America*. *Nepantla: Views from South*, 2000. p. 533-580. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347342/mod\\_resource/content/1/Quijano%20\(2000\)%20Colinality%20of%20power.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/347342/mod_resource/content/1/Quijano%20(2000)%20Colinality%20of%20power.pdf). Acesso em: 24 nov. 2022.
- RAMOS, Antônio Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1957.
- SANTOS. Antônio Bispo dos. *Colonização e quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI - Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (UNB), 2015.
- SISEM. *EPM-2022 08 de novembro de 2022 | tarde*. YouTube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w1eB293A9KE>. Acesso em: 24 nov. 2022.

# NÃO ESTÁ NO RETRATO: O PAPEL DOS MUSEUS NO ENFRENTAMENTO À COLONIALIDADE DA EXPLORAÇÃO TERRITORIAL



Auditório do Museu do Ipiranga. Foto: Andréia Naomi

## Ellen Nicolau<sup>15</sup>

**E**sse texto, fruto das discussões do 12º Encontro Paulista de Museus, realizado em novembro de 2022 sob a temática “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?” começa pelo corpo e se constitui como um convite de colocá-lo para jogo. Por uma

corporeidade não hegemônica e de um contexto político e social de Copa do Mundo, realizada num país sede como o Qatar, marcado pela violação dos Direitos Humanos e denúncias de exploração de trabalhadores na construção de arenas, o destaque a essa expressão, muito usada em contextos dissidentes na intencionalidade de ressaltar

15 Ellen Nicolau. Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da Universidade de São Paulo (PPG-Mus/USP) – Mestre em Museologia.

qualidades e debater características específicas de uma realidade, foi adotado ao longo deste relato, com o objetivo de traçar paralelos entre a trajetória dos participantes e as suas considerações, extremamente próximas e vinculadas à maneira com que se apresentaram inicialmente.

Visto que “a fruição de uma experiência no grau de envolvimento que algumas práticas corporais podem proporcionar coloca em jogo o conjunto dos órgãos e sentidos humanos, retoma possibilidades sensíveis esquecidas, possibilidades, essas, que podem fornecer outros registros a partir do qual o sujeito pode se reconstruir” (SILVA et al., 2009, p. 24), ao iniciar essa partida, são anexados territórios e trajetórias que garantem, na sua própria corporeidade, anseios de futuros com a reviravolta do tempo na construção de museus como espaços democráticos, de promoção de justiça e compromissos socioambientais.

A marcação do tempo será dada pelo envolvimento dos públicos com o enredo e já segue o aviso prévio: a final não será decidida em pênaltis e os cartões, todos vermelhos, foram usados em prol da cor desta marcação e da expulsão a qualquer forma de perpetuação de injustiças e violências.

No primeiro tempo, a audiodescrição das pessoas convidadas começa. Inês Gouveia abre os trabalhos

agradecendo a absolutamente todos os profissionais do evento, afirmando os seus desejos de diálogo aberto e se insere como uma mulher cisgênero e lésbica. A próxima jogadora é Ana, que se descreve como uma mulher negra, com cabelos cacheados, batom e unhas vermelhas, cor da revolução. Ela ressalta que leva no peito um pingente com o mapa do Brasil com a África dentro, numa referência à África que existe em nós. Virtualmente se aproxima Tiaraju, homem branco, de barba ruiva e óculos em ambiente branco, repleto de blusas de frio e boina preta, com participação remota devido à sua sorologia positiva para COVID-19 e cumprimento de isolamento. Tiaraju se desculpa por não estar presente fisicamente e destaca o desejo da sua participação evidenciando os seus estudos sobre as periferias urbanas e a sua apresentação completa a tríade dos jogadores e aponta caminhos de discussão rumo às periferias urbanas e apostas políticas de futuro nas discussões socioambientais de diferentes corpos e territórios.

O jogo começa e nas primeiras frases fica evidente a aliança entre os jogadores. Estamos no mesmo time em busca dos termos, pautas, lugares e pessoas que fazem os museus do presente para o futuro, ou melhor, daqueles que estabelecem os compromissos do presente com o futuro. Foi dado um cartão

vermelho para o título da mesa, até então “Estudos do Meio: promoção da convivência e respeito a todas as formas de vida” e vamos para aquilo que pulsa, afinal, não há promoção da convivência e respeito a todas as formas de vida, se não enfrentarmos o modelo capitalista, o que nas considerações de Tiajuru, na sua versão à brasileira, inclui uma perspectiva neoliberal com pitadas de fascismo.

Das incompatibilidades capitalistas com a própria concepção de vida, bem-estar e dignidade, a reunião desse time é crucial para refletir a responsabilidade dos museus acerca das construções de narrativas de conscientização e enfrentamento de desigualdades em relação aos territórios, os seus recursos e às suas populações. Em entrevista de 2019, Tiaraju destaca que não é possível desassociar trajetórias acadêmicas de trajetórias de vida e que, nas suas experiências acadêmicas, inicialmente:

*aquilo que os textos de sociologia urbana apresentavam como caso era a história do meu avô, da minha mãe, do meu vizinho ou a minha própria. A questão que me tocava era a de que estes protagonistas dos escritos, por uma questão secular de desigualdade*

*de acesso à infraestrutura universitária, não podiam contar a própria história, e por vezes lhes era tolhida a possibilidade de analisá-la, fato que auxiliaria na compreensão e elaboração dela (D'ANDREA, 2019, p. 931).*

Dessa conexão, somada às observações de Ana e a articulação de Inês trazidas ao longo da conversa, a elaboração e reelaboração da produção de conhecimento voltada a histórias e lugares invisibilizados se relaciona, diretamente, ao papel dos museus na responsabilidade coletiva com a promoção de sociedades mais justas. Ao pensar sobre as mudanças e viradas epistemológicas, fruto de intensos debates e metodologia de trabalho pautada na escuta de profissionais, insere-se o caráter político da nova definição de museus, atualizada em 2022, com um horizonte em comum a ser partilhado, no qual

*um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus promovem a diversidade e a sustentabilidade. Atuam e se comunicam de forma*

*ética, profissional e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas de educação, entretenimento, reflexão e compartilhamento de conhecimento (ICOM, 2022).*

A partir dessa definição, atualizada de forma global e somada a cerca de 20 termos eleitos pelo ICOM Brasil<sup>16</sup>, ganham ainda mais valor, em sentido inclusive formal e institucionalizado, práticas colaborativas e engajadas nos seus territórios, que compreendem a inclusão integral dos seus públicos.

Em um segundo tempo dessa partida, é possível observar que na atual conjuntura, essas práticas estão presentes na conexão de vivências entre agentes locais, o território no qual os encontros e práticas acontecem e, principalmente, em relações coletivas e horizontais de experiências e dinâmicas culturais, com a escuta em lugar central.

De conotação principalmente urbana, os conceitos de territórios abordados ao longo do jogo versaram sobre as suas interseccionalidades e

construção de saberes específicos a cada modo de vida, com destaque ao fracasso das posturas pautadas na competição e tentativas de resolução individual de dilemas que são coletivos. Em aprofundamentos das temáticas que permeiam as pesquisas e a vida dos participantes, Ana introduziu o conceito de Racismo Ambiental<sup>17</sup>, contextualizado no movimento negro norte-americano e sugeriu que fosse realizada uma breve pesquisa acerca das catástrofes ambientais brasileiras e esse também é um exercício que se reproduz nesse texto. Nos resultados e nas reflexões trazidas por Ana, as catástrofes têm cor, corpo, gênero, classe e em conexões entre pessoas e territórios, evidencia a discriminação racial nas políticas e atividades ambientais de cunho predatório.

Internamente ao movimento ecológico, particularidades de realidades locais, e no caso brasileiro, de perspectivas afro diaspóricas e indígenas, traçam caminhos de atuação em comum que podem ser abordados pelo combate ao epistemicídio e reconhecimento à pluralidade de conhecimentos

16 Dentre os termos selecionados pelo GT Nova Definição de Museu do ICOM Brasil em consulta pública estão os seguintes: Antirracista; Bem-viver; Comunicar; Cultura; Decolonial; Democrático; Direitos humanos; Educação; Experiência; Futuros; Inclusivo; Instigar; Patrimônio; Pesquisar; Público; Coletividade; Salvar; Social; Sustentável; Território e Transformar. As definições elaboradas para cada termo, por diferentes coletivos, grupos e pesquisadores da área museológica estão disponíveis em: [https://www.icom.org.br/?page\\_id=2249](https://www.icom.org.br/?page_id=2249). Acesso em: 24 de nov. de 2022.

17 O conceito de Racismo Ambiental foi desenvolvido e aprofundado por diferentes articuladores do movimento negro. A princípio, o termo foi desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1980 por Benjamim Franklin Chaves, após o seu trabalho como químico apontar a semelhança entre a localidade de depósitos de resíduos tóxicos em áreas habitadas pela população negra norte-americana. O conceito também foi amplamente difundido pelo intelectual e militante Robert Bullard, que se aprofunda em análises do impacto da devastação ambiental nas comunidades negras. Mais informações podem ser conferidas em uma entrevista realizada pela também pesquisadora no tema, Marina Marçal, com Robert Bullard acerca das relações entre a perpetuação do colonialismo pela destruição climática em: <https://www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/o-mesmo-sistema-que-criou-o-colonialismo-e-a-escravidao-esta-criando-a-destruicao-climatca/>. Acesso em: 24 nov. de 2022.

da própria ecologia dos saberes<sup>18</sup>, como ressaltado pela fala de Ana na sua perspectiva emancipatória, dado que “o conceito de racismo ambiental diante da realidade brasileira deve contemplar a análise dos relatos de degradação social, cultural e ambiental em que estão imersas comunidades inteiras por pressões historicamente impostas” (ROCHA; SANTANA FILHO, 2008, p. 35), inserindo lutas pela justiça em relação aos crimes cometidos e às desigualdades sistêmicas.

Nesse sentido, o árbitro apita e a atuação dos museus é fundamental como mecanismo de fortalecimento de diferentes grupos sociais nas suas causas, sociabilidade, protagonismo e extroversão de pautas, processos de pesquisa e em ações de sensibilização comum. Não há como correr, os jogadores já tomaram suas posições em campo e o que resta, é o gol.

Ao encontrar denominadores comuns na partida, as principais palavras mencionadas ao longo do debate foram territórios, sustentabilidade e antirracismo. Ao referenciar a cooptação desses termos pelo sistema capitalista, os participantes incluíram as mudanças históricas dos termos e as próprias incoerências nos seus

debates, representadas por formas de financiamento controversas e pelo papel dos museus em localidades voltadas aos reflexos da própria distribuição territorial da riqueza. No caminho de refletir como as atividades desempenhadas pelos museus fazem parte dos territórios periféricos e como os museus estão - ou não - presentes no fortalecimento de pautas dos movimentos sociais, fica evidente a necessidade de trabalhar com as comunidades em relações de longa duração, fomentadas por políticas públicas que incluam a cultura como modo de vida.

---

18 Para o sociólogo Boaventura de Souza Santos, existem cinco ecologias dos saberes divididas em temporalidades, reconhecimentos, trans-escalas e produtividade, sendo essas uma espécie de “conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer” (SANTOS, 2006, p. 154).



## RESPONSABILIDADE EM CRISE

Em meio a complexos processos de gestão, sobrevivência e reposicionamento histórico em relação às questões sociais, os museus estão inseridos em debates que exigem atuações críticas e comprometidas, pois “resguardar uma postura analítica, e cientificamente ética, não deve nos impedir de sermos conscientemente agentes em ação” (GOUVEIA; SCHIAVONI, 2022, p. 02). Tal fato, dado o passe de bola realizado em campo, junto às suas torcidas, desde que organizadas, evoca um ritmo capaz de driblar mecanismos de controle e continuidade da reprodução de regimes de colonialidades, pois o processo em si, também é educativo e se dado que “está errada a educação que não reconhece na justa raiva, na raiva que protesta contra as injustiças, contra deslealdade, contra o desamor, contra a exploração e a violência um papel bastante formador (FREIRE, 1996, p. 40). Assim, é também função dos museus que não compactuam com regimes de colonialidade, evidenciar faltas históricas, traumas sociais e catástrofes ambientais.

Na articulação política entre trabalhadores e públicos como atacantes, pautas dessa partida residiram nas periferias, bem como

nas suas semelhanças e relações como comunidades sensíveis na prática e reformulação dos conceitos que se fazem nas lutas do dia a dia. Com a ideia e a prática de afeto e ligação evocada por Ana (SISEM, 14:35min) e reafirmada por ela quando valoriza a presença de sua mãe na plateia com a afirmação “minha mãe tá aqui”, com a confirmação de “quando a gente morava, né mãe?” e com a frase “gente, eu vou tentar segurar para não chorar aqui, que é muito emocionante a gente falar da nossa história né?” (SISEM, 1:13min a 1:15min.), assim como na trajetória de Tiaraju quando insere o lugar das narrativas de sua família e seus lugares de vivência, vemos que para marcar um gol de bicicleta é preciso escutar outras narrativas e colocar o corpo à frente e atrás.

Na investigação da condução de cidades que são tecidas por interesses privados, os museus são afirmados como lugares de construção, uso, sentido fundamentalmente coletivo e necessário à prática permanente da cidadania. Com o corpo para jogo, uma série de reflexões se mantém suspensa em campo e entre as perguntas, algumas quase deixadas em escanteio pelo decorrer do tempo, ficando o desafio em construir museus com autonomia e a postura política que levem, na sua coerência, aos posicionamentos reais e explícitos,

assim como, que dúvidas sobre qual o papel dos museus na promoção de territórios com outros modelos de desenvolvimento e formas de combate ao racismo ambiental são resolvidas, ou melhor, que tenham sua responsabilidade aplicada sem cavar quaisquer faltas? Apesar do acréscimo, o tempo não foi suficiente, mas cabe registrar aqui que também foram questionados desafios em lidar com financiamento advindo da compensação de grandes empresas pelos seus crimes e a realidade de museus localizados em diferentes regiões do estado de São Paulo.

Dessa forma, na relação dos museus com a cidade e habilidade de passar a bola na caneta, cabe destacar a derrubada de sua monumentalidade e a sua reconstrução coletiva, a partir de museus envolvidos com outros modelos de sociedade, saúde e desenvolvimento que visam as lutas pela vida, meio ambiente, direitos sociais e dignidade. Ao olhar para o passado e ver o que já foi encaminhado, cabe enxergar os termos que acompanham a nova definição de museus e lutar para que não haja seu esvaziamento, mas o seu adensamento interno e apropriação pelos públicos como ferramentas de enfrentamento e formulação de políticas públicas. Assim, endosso a finalização deste texto com a vitória por pontuação, como uma grande contribuição a

um campeonato no qual está em voga a transformação dos museus e como os participantes, o samba enredo de 2019, “História para ninar gente grande”, da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, do Rio de Janeiro, na reafirmação de que a museologia pode ser o caminho para se pensar nas histórias que a história não conta e que no Brasil de 2022, chegou a vez de sair de um lugar de conforto institucional e partir para o reconhecimento e a construção de museus atentos e ativos à dinâmicas de fortalecimento de sociedades mais solidárias e os seus desafios, portanto coletivos, na construção de futuros democráticos e justiça histórica.



Inês Gouveia, articuladora do painel. Foto: Andréia Naomi

## REFERÊNCIAS

- D'ANDREA, T., Murta e Sousa; URVOY, Philipe. Entrevista com Tiaraju Pablo D'Andrea. *Temporalidades. Revista de História, Belo Horizonte*, ed. 31, v. 11, n. 3, p. 930-934, Set./Dez. 2019.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOUVEIA, INÊS; SCHIAVONI, J. L. Museus e performances de poder. *Revista Museu, Rio de Janeiro*, v. 1, p. 1-5, mai. 2022.
- DOMÊNICO, Deivid et al (compos.). *História para ninar gente grande*. Rio de Janeiro: Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, 2019.
- ICOM (Conselho Internacional de Museus). Nova definição de museu. Disponível em: <http://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- ROCHA, Julio Cesar de Sá; FILHO, Diosmar Marcelino Santana. *Justiça ambiental das águas e Racismo Ambiental*. SRH (org.). *Justiça pelas Águas: enfrentamento ao Racismo Ambiental*. Salvador: Superintendência de Recursos Hídricos, 2008. p. 33-41
- SANTOS Boaventura de Souza. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez, 2006.
- SILVA, Ana Márcia et al. *Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais*. In: FALCÃO, José Luiz Cirqueira; SARAIVA, Maria do Carmo (Org.). *Práticas corporais no contexto contemporâneo: (in)tensas experiências*. Florianópolis: Copiart, 2009. p. 10-27
- SISEM SP. *Encontro Paulista de Museus. Estudos do Meio: promoção da convivência e respeito a todas as formas de vida - Debate acerca da promoção da convivência e da saúde, o cultivo de relações de solidariedade, reciprocidade, respeito e valorização de todas as formas de vida com Tiaraju Pablo D'Andrea, Ana Cláudia Sanches Batista e a articulação de Inês Gouveia*. Youtube, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xv9gS470Vmc>. Acesso em: 23 nov. 2022.

# UMA VISÃO EXTERNA SOBRE OS MUSEUS: ADENTRAR, ITINERAR, ESCANCARAR PORTAS OU QUEBRAR PAREDES?



Convidadas para o debate: Território e Economia, no EPM2022. Foto: Andréia Naomi

## Isabella Favero Fazani<sup>19</sup>

O painel ocorrido no segundo dia do 12º EPM, “Território e Economia: circulando as memórias e ativando as comunidades”, contou com discussões alinhadas ao que o título expressava e as palestrantes expuseram com significativo apreço as suas próprias memórias relacionadas aos projetos que desenvolveram (e ainda desenvolvem) e às suas trajetórias de vida, com ênfase na relação dessas ações com os territórios.

Diana Poepcke, diretora da empresa ConectaMUS, historiadora e gestora cultural, teve no papel de articuladora, o desafio de conciliar distintos pontos de vista e interceder para que a discussão caminhasse no sentido proposto, considerando o âmbito da nova definição de museus do ICOM, com foco nos trechos “ao serviço da sociedade” e “participação das comunidades” (ICOM BRASIL, 2022).

## PROJETOS E TERRITÓRIOS

Maria Vilani, representante do Fórum de Cultura do Grajaú, filósofa e escritora, iniciou a sua fala agradecendo a presença de todas as pessoas no evento e lembrando os momentos pandêmicos em que “os olhares não puderam se encontrar”. Em seguida, ela realizou a leitura da “Carta aberta ao meu país - o Grajaú”<sup>20</sup>, cuja escrita foi motivada pelo convite para participar do evento. O texto dá luz a temáticas abordadas também no decorrer do painel, mas a sua poética expande para outras interpretações e reflexões, pertinentes para fazer pensar os museus nos seus respectivos entornos.

Esmeralda Serpa, docente no Centro Paula Souza e turismóloga, atenta às questões de hospitalidade, ressaltou a acolhida no evento e agradeceu pelo convite. Na sua primeira fala, ela comentou sobre a trajetória pessoal e acadêmica: nascida em uma região periférica do município de São Paulo, no Jardim Peri, decidiu cursar bacharelado em Turismo, o que propiciou que vivesse em grandes cidades de países ao redor do mundo. Há 27 anos, por motivos de saúde, mudou-se para o interior do estado de São Paulo.

Ao convidar as palestrantes para mostrarem os seus projetos e a forma como se articulam com os respectivos territórios, Diana Poepcke ressaltou um dos propósitos do painel: arejar a Museologia a partir de experiências externas à área, visando a troca de vivências e o diálogo. A articuladora pediu para que as participantes esclarecessem o entendimento de “território” nos seus projetos e essa foi, inclusive, uma preocupação suscitada durante os encontros e debates do grupo de relatoria: o esvaziamento de certos termos, que são apropriados e utilizados sem um real entendimento dos conceitos que carregam. Com isso em vista, o presente relato crítico foi organizado considerando alguns termos centrais das discussões do painel, conforme evidenciado nos subtítulos.

Maria Vilani respondeu a provocação expondo o seu projeto, o CAPS: Centro de Artes e Promoção Social<sup>21</sup>, sem deixar de lado, até por não ser possível, as relações tecidas no território do Grajaú. Segundo palavras da oradora, com 32 anos de “resistência”, o CAPS é um coletivo extremamente engajado, que trabalha pelo “bem-estar espiritual”

---

20 Disponível no perfil do Instagram da autora, pelo link: <https://www.instagram.com/p/Ck0qU4CLj00/>.

21 Mais informações sobre o projeto estão disponíveis no link: <https://www.capsartes.com.br/28anos/>.

das pessoas, ressaltando as potencialidades da periferia, sobre o tripé ciência, filosofia e arte. Ela reforçou e demonstrou o senso de coletividade, afirmando que os CAPSianos se apoiam e estão sempre juntos, para assim, serem mais fortes. Ao olhar para a primeira fila, lá estavam eles, os CAPSianos que, juntamente com a palestrante, carregam a alma do “País Grajaú” por onde vão.

Sobre a concepção de território, Maria Vilani afirmou que “os territórios têm a sua própria sinfonia”, existindo uma simbiose entre as pessoas e o lugar do cotidiano, da convivência, dos aprendizados e das lutas em comum. Para ela, o território perpassa uma tríade formada por: “espaço geográfico”, que é o envoltório, o tempo-espaço que abriga a “essência”, intocável, mas reconhecível por quem tem a sensibilidade para a identificar, bem como a “alma”, o ativismo das pessoas que animam o território, sendo o que há em comum entre todas elas. Ao ser questionada por Diana Poepcke sobre a relação financeira do projeto com o território, ela reforçou a importância da colaboração da comunidade, pois trabalham no CAPS sem patrocínio ou subsídios periódicos, de forma que o projeto seja mantido por seus voluntários, ou melhor, “ideólogos”, além de doações e contratações esporádicas.

Recentemente, foi preciso entregar a sede do CAPS, pois não conseguiram arcar com o aluguel do espaço.

Na sequência, Esmeralda Serpa tratou sobre o seu projeto na cidade de Itu, iniciado a partir do ingresso dela em uma Escola Técnica do Centro Paula Souza, para ministrar disciplinas no curso de Turismo e a decorrente constatação de que o currículo não contemplava o suficiente para que os alunos se formassem como guias de turismo, profissão regulamentada e que exige formação específica (BRASIL, 1993). Assim, Esmeralda Serpa se esforçou para a construção de uma grade curricular que atendesse às demandas do exercício da profissão de guia e, além disso, que mostrasse a relevância desse profissional na cadeia do turismo, como responsável por selecionar e comunicar recortes de histórias e espaços que são visitados pelos turistas. Esse foi o primeiro curso de guias de turismo público do país, legado de iniciativa da Professora Esmeralda.

Retomando o questionamento sobre a concepção de “território” em cada um dos projetos, Esmeralda Serpa comentou ser indispensável considerar o espaço geográfico em conjunto com as pessoas que dão vida ao território. Ela citou, ainda, com grande carinho, o livro de Eduardo Iazigi, “A alma do lugar”,

o qual trata sobre planejamento, território, espaços e cotidiano, pois entende que o turismo não existe sem o cotidiano de ontem, de quem já passou pelo lugar. De acordo com a palestrante, essa perspectiva colaborou para que os alunos do curso técnico construíssem novos olhares sobre a cidade de Itu, também favorecendo a atividade turística do local, tornando-a mais diversificada e fortalecendo os trabalhadores dessa relevante estância turística do interior de São Paulo, pois na lógica do turismo, os territórios precisam produzir trabalho e gerar receita para as pessoas que atuam na área.

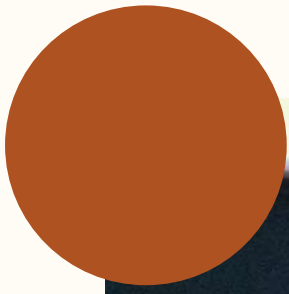
Em complemento à fala da Professora Esmeralda Serpa, entendemos que o turismo é um fenômeno complexo, que engloba os serviços turísticos propriamente ditos, assim como interfere nas demais atividades econômicas e sociais, impactando sobremaneira o território onde ocorre (BENI, 1998). Então, ao refletir sobre as diferentes manifestações do turismo em determinados territórios, delineamos um breve paralelo entre o município de Itu, onde o turismo está consolidado, com um dos vídeos apresentados na Sessão de Compartilhamento de Experiências do 12º EPM, que envolve o “turismo de resistência”: a Comunidade Cultural Quilombaque,

que propiciou o projeto da Agência Queixadas. Tal agência de turismo de resistência, como é apresentado no vídeo, é responsável por organizar as visitas ao Museu Territorial Tekoa Jopo'í<sup>22</sup>, pensado e desenvolvido pela comunidade da região de Perus, Anhanguera e Jaraguá, com foco na divulgação das histórias e lutas dos sujeitos periféricos do território (SISEM-SP, 2022b). A partir disso, concordamos que a forma como o turismo se apresenta em cada território depende de inúmeros fatores, entre eles, a organização dos agentes locais, que pode ser fator decisivo, como no caso de Itu, que teve a atividade turística desenvolvida a partir da formação e atuação de novos profissionais e, no segundo caso, para a construção de um turismo no qual a comunidade tem mais autonomia.

---

22 Mais informações sobre a Agência Queixadas e o Museu Territorial Tekoa Jopo'í estão disponíveis no link: <https://museutekoajopoi.com.br/home/>





Diana Poepcke, articuladora do painel. Foto: Andréia Naomi

## MUSEUS

Em uma nova rodada de provocações, Diana Poepcke relacionou as falas das participantes com o fazer museal, já que “nutrir a alma das pessoas” é mais do que abrir as portas para que acessem os espaços, envolvendo, principalmente, processos mais participativos. Dentro desse escopo, as palestrantes foram convidadas a falar sobre como os projetos pensam as memórias plurais dentro dos respectivos territórios.

Maria Vilani disse, então, o que entendia ser um museu: um prédio, no qual se reúnem pessoas estudadas - pesquisadores, técnicos na conservação de objetos, especialistas em gestão, artistas que projetam as exposições, historiadores, entre outros públicos. Entretanto, atualmente, graças às pessoas das periferias, que lutam para mudar a história, ela estendeu a compreensão de museu para ainda ser um território fechado, mas “com portões escancarados”: o museu é o mesmo, tradicional, com seus profissionais que trabalham para que a memória não se apague, mas há uma preocupação maior com o território, com as relações das pessoas entre si e com as suas próprias memórias. O principal para ela seria, portanto, pensar como o museu daria conta de alcançar as pessoas, para que troquem os

seus conhecimentos, memórias e histórias, objetivando edificar um conhecimento plural, na junção das singularidades de cada um.

Esmeralda Serpa, por sua vez, ressaltou o papel central da educação formal, compreendendo que o museu deve funcionar como uma extensão do ensino escolar, não importando a faixa etária dos alunos. Assim, para ela, o principal papel do museu seria o de complementar os estudos, a partir das diversas narrativas que são expostas.

Outra discussão que se mostrou relevante no decorrer do painel, foi a necessidade da criticidade dos guias de turismo no exercício da profissão, desde o momento em que é desenvolvido o roteiro de visita e a atenção às histórias as quais se dará voz no decorrer do guiamento (e as que serão omitidas). Esmeralda Serpa comentou, utilizando a cidade de Itu como exemplo, sobre a possibilidade de mudar o foco de atenção nos guiamentos dos bandeirantes para outros personagens da região, como o Barão do Itaim e o Padre Jesuíno do Monte Carmelo.

É sabido que a convivência entre as instituições museológicas e os guias de turismo não é das mais harmônicas, considerando que, muitas vezes, os profissionais do turismo estão inseridos em contextos

de venda e prestação de serviços, com interesses específicos a serem atendidos. Pensando na relação museu-turismo, é importante que não haja um descompasso entre o discurso produzido pela instituição (tendo em vista as exposições e o trabalho dos educativos), com os guiamentos realizados com turistas, apesar de ainda ser algo frequente.

A problemática demanda a interlocução entre os agentes que atuam em museus e os do turismo receptivo, para que realizem ações de treinamento e sensibilização e, em outro nível de colaboração, até mesmo uma construção conjunta do discurso expositivo e educativo, dependendo dos objetivos e da relevância do turismo no âmbito do território e da instituição. Ações conjuntas colaboram para que diminuam divergências no sentido de reprodução contínua de histórias hegemônicas ou simples escanteamento delas para substituição por outras, sem discussão dos pontos críticos de tensão, que ainda repercutem no cotidiano atual das sociedades e, principalmente, de certas populações. Conforme comentário da articuladora, é preciso refletir sobre o tipo de discurso que é produzido e reproduzido pelos museus (e pelo turismo), no sentido de contemplar as múltiplas perspectivas e as memórias plurais relacionadas ao território.

## **PERTENCIMENTO**

Caminhando para o final deste relato crítico, convém compreender a amplitude de possibilidades de manifestação dos processos museológicos e como se relacionam com os seus entornos. Esmeralda Serpa dá o exemplo do Museu do Ipiranga - onde ocorreu o 12º EPM, instituição cujo edifício é grande, imponente e localizado em uma centralidade do município de São Paulo -, a partir da seguinte reflexão: como fazer para que uma mulher que reside na periferia da cidade sinta que pertence àquele lugar, que poderia visitá-lo, usar seus espaços físicos, concordar ou discordar do que é dito? Para ela, a educação formal, desde o ensino fundamental, seria a principal resposta a essa árdua missão.

Maria Vilani, a partir de sua própria vivência, afirmou que a estrutura da sociedade faz com que uma mulher periférica não pertença a lugares como esse, por causa da falta de tempo de lazer, custos financeiros e de deslocamento entre zonas periféricas e centrais da cidade, entre outras sensíveis questões. Então, ela apresentou a seguinte pergunta: “como as instituições de cultura lidam com essas pessoas?” Para ela, é necessário que os museus pensem estruturas horizontais e ouçam o que os públicos (e não-públicos) têm a

dizer; não é suficiente abrir as portas, mas imperativo desenvolver projetos itinerantes, que vão até as periferias e que contam as histórias daquelas pessoas. Por fim, Vilani disse que o museu (do Ipiranga) pertence a toda população, que deve visitar e ocupar o espaço. Ao comentar sobre a recente perda da sede do CAPS, ela expôs que não interromperam as atividades e continuaram atuando em espaços públicos: “onde deixam a gente entrar, a gente entra, se o museu chamar, a gente vai!”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cabe, portanto, compreender sobre qual tipo de museu estamos falando - por exemplo, uma instituição que não repensa as suas práticas e as continua reproduzindo indefinidamente, um museu atento e comprometido com a nova definição do ICOM, ou um processo museológico que ainda não cabe nas definições institucionais - e, conseqüentemente, quais os seus objetivos, como está articulado com o território e qual é o seu papel nesse contexto. No fim das contas, restam mais questões do que respostas. Concordando com a fala da articuladora Diana Poepcke, é um desafio ouvir os depoimentos de pessoas de outras áreas sobre os museus, mas a escuta auxilia na reflexão sobre possibilidades de reformulação dos museus e da Museologia, assim como representa uma efetiva oportunidade de diálogo e de aprendizado de todas as partes envolvidas.

## REFERÊNCIAS

- BENI, M. C. *Análise estrutural do Turismo*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1998. 427 p.
- BRASIL. Decreto nº 946, de 1º de outubro de 1993. Regulamenta a Lei nº 8.623, de 28 de janeiro de 1993, que dispõe sobre a profissão de Guia de Turismo e dá outras providências. *Diário Oficial da União: República Federativa do Brasil: seção I, Brasília, DF, 4 out. 1993*. p. 14782. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/antigos/d0946.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/d0946.htm). Acesso em: 10 de dez. 2022.
- ICOM BRASIL. ICOM aprova Nova Definição de Museu. 2022. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=2756>. Acesso em: 30 de nov. 2022.
- SISEM-SP. Encontro Paulista de Museus 2022. EPM-2022 - 09 de novembro. 2022a. 1 vídeo (218 min), transmitido e publicado pelo canal SISEM - SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xv9gS470Vmc>. Acesso em: 30 de nov. 2022.
- SISEM-SP. Encontro Paulista de Museus 2022. Museu Tekoa Jopoi | São Paulo/Perus. São Paulo, 2022b. 1 vídeo (2 min), publicado pelo canal SISEM - SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7y6bXFz2IJE>. Acesso em: 30 de nov. 2022

# A RESPONSABILIDADE DOS MUSEUS COM O FUTURO



Paula Ferreira e Isabel de Paula no auditório do Museu do Ipiranga. Foto: Andréia Naomi

## Bruno Henrique Soares<sup>23</sup>

**N**os dias 8, 9 e 10 de novembro de 2022 ocorreu, no Museu do Ipiranga, o Encontro Paulista de Museus (EPM), espaço que reuniu profissionais de museus, gestores públicos de cultura, estudantes e interessados de São Paulo, do Brasil e do mundo, para troca de experiências e debates em torno do tema “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?”.

No período da manhã do 3º dia do evento aconteceu a Mesa 5, intitulada “A responsabilidade dos museus com o futuro”, que ficou sob a minha responsabilidade de relatar. O momento consistiu em uma dinâmica de perguntas e respostas, um bate-papo de pouco mais de uma hora entre Paula Paiva Ferreira, mediadora da mesa, Isabel de Freitas Paula, palestrante, e o público a respeito da visão, missão, propostas e a atuação da UNESCO

23 Bruno Henrique Soares, graduado e mestre em História pela UNESP, campus de Franca, e estudante no curso Técnico em Museologia, na ETEC Parque da Juventude.

junto a museus no Brasil e no mundo. A conversa envolveu duas gestoras da área da cultura. Paula Paiva Ferreira é Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico (UPPM) e Presidente do Conselho de Orientação do Sistema Estadual de Museus (SISEM SP), ambas pertencentes à estrutura da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo. Isabel de Freitas Paula atua na representação da UNESCO no Brasil há mais de 20 anos, sendo os 10 primeiros anos na Assessoria de Comunicação e os 10 últimos no setor de Cultura, onde, atualmente, é a coordenadora.

Isabel é formada em jornalismo, área na qual iniciou a sua carreira. Ela atuou no Programa federal Comunidade Solidária na formação de comunicadores locais para desenvolvimento sustentável, desenvolveu interesse pela área cultural e pela cooperação internacional ainda quando trabalhava na Assessoria de Comunicação da UNESCO no Brasil, realizando o mestrado dela nessas temáticas. No setor de cultura da representação nacional da UNESCO, antes de ocupar o cargo de coordenadora, trabalhou como oficial de projetos, desenvolvendo a gestão de projetos, alguns deles juntos a museus.

Como representante da UNESCO e de acordo com a proposta da mesa e as perguntas da mediadora e dos

ouvintes, as respostas de Isabel tiveram, podemos dizer, um caráter institucional. A convidada apresentou durante as suas falas o entendimento do órgão do sistema ONU sobre o que é museus, da sua importância na sociedade e dos desafios que os museus, no Brasil e no mundo, enfrentam, ao passo que ressaltou a atuação da UNESCO em prol desse tipo de equipamento cultural e deu alguns exemplos.

Segundo Isabel, a UNESCO entende que a cultura tem um lugar de destaque na sociedade, tanto do presente quanto do futuro, sendo considerada pelo órgão como um dos quatro pilares do desenvolvimento sustentável, ao lado do pilar econômico, social e ambiental. Para a palestrante, apesar de a cultura não aparecer em nenhum dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da ONU, ela é fundamental para um mundo mais inclusivo, democrático e sustentável. A sustentabilidade, sugere ela, ocorre no sentido mais amplo do termo. Nessa perspectiva, os museus se configuram como instituições importantes para o órgão, sobretudo devido à sua função social.

A representante da UNESCO entende que a visão do órgão a respeito dos museus dialoga com a dos museus sobre eles mesmos. Ela ressaltou, no campo conceitual,

a relação entre a “Recomendação Museus e Coleções 2015” da UNESCO e a Nova Definição de Museu aprovada neste ano de 2022 pelo ICOM - órgão vinculado à UNESCO e executante de parte de seu programa para museus. Isabel citou, ainda, consonâncias desta definição com convenções, declarações e demais recomendações da UNESCO. No campo prático, ela elencou a atuação da UNESCO no convencimento de gestores sobre a importância da cultura no desenvolvimento sustentável, a promoção de projetos de cooperação técnica internacional na preservação do patrimônio cultural e natural e, mais recente, o envolvimento da instituição em projetos de criação e recuperação de museus.

Apesar de críticas à UNESCO apontando que o órgão exalta mais o aspecto econômico da cultura do que o aspecto cultural em si, atuando, por exemplo, na promoção da preservação do patrimônio em benefício da sua exploração pela indústria e pelo turismo cultural<sup>24</sup> ou, como sugeriu Isabel, que a UNESCO é cheia de conceitos e pouco atuante, a UNESCO vem demonstrando nos últimos anos ser uma parceira dos museus no Brasil. Isabel deu exemplos de que o órgão vem trabalhando

junto às instituições brasileiras na implantação de importantes processos museológicos, tais como o Museu de Congonhas, interpretando o sítio arqueológico do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, ambos em Minas Gerais; um projeto de criação de um museu de território na região do Cais do Valongo e da Pequena África, suspenso no momento, e a reconstrução do Museu Nacional, ambos no Rio de Janeiro, bem como o projeto de criação de um museu da cultura caiçara, uma “ilha-museu”, segundo a palestrante, no litoral norte de São Paulo.

Essas parcerias são iniciativas importantes para os nossos processos e instituições museológicas, tendo em vista, sobretudo, os desafios que enfrentamos aqui no Brasil. Para Isabel os desafios enfrentados pelos museus são: a falta de gestão de riscos; dificuldades financeiras, técnicas e de formação e de gestão; inclusão de pessoas com deficiência e inclusão digital e a instabilidade nas políticas culturais, devido às mudanças político-ideológicas. Contudo, como pontua a representante, esses desafios não são exclusivos às nossas instituições.

O incêndio do Museu Nacional em 2018 é um triste exemplo do

---

24 RIBEIRO, Cecília. Que tinha a Unesco a ver com desenvolvimento econômico? Vitruvius Arquitectos, São Paulo, Ano 16, p. 1 - 4, fev. 2016.  
BARROS, Flavio Luis Soares de. Civilização, diversidade, desenvolvimento: a UNESCO e as dimensões da cultura - bens, serviços e conteúdos culturais. 2017.





Isabel de Paula, coordenadora de cultura na UNESCO. Foto: Andréia Naomi



Paula Ferreira, articuladora do painel. Foto: Andréia Naomi

que a falta de gestão de risco pode acarretar. Isabel e Paula ressaltaram que, a despeito da reconhecida importância do tema, objeto de discussões nos cursos de museologia e na literatura especializada, muitas instituições museológicas carecem de critérios, normas, procedimentos para a identificação e prevenção de riscos ao patrimônio e para o seu salvamento em casos de emergências. De acordo com a palestrante, a UNESCO vê o tema como fundamental na preservação do patrimônio e conta com um setor especializado: o setor de Cultura e Emergência.

A UNESCO atua junto aos governos tanto no convencimento de que a cultura é um pilar do desenvolvimento sustentável quanto no desenvolvimento e implementação de projetos de cooperação técnica na área cultural. Isabel, quando perguntada sobre como a UNESCO pode contribuir para a continuidade de projetos, tendo em vista as transições governamentais, informou que 90% dos projetos que o órgão participa aqui no país atravessam essas mudanças. Os projetos que a UNESCO participa têm previsão de duração de quatro anos, prorrogáveis por mais dois anos, atravessando, portanto, mandatos nas diferentes instâncias do poder executivo e legislativo. Essa solidez

no desenvolvimento dos projetos se deve, explica a palestrante, ao diálogo que o órgão tem com os governos, qualquer que seja a vertente político-ideológica. Contudo, acontecem casos em que o parceiro do poder público se recusa a trabalhar com a entidade internacional, mas o percentual é pequeno.

A pandemia de COVID-19 exerceu um forte impacto sobre o setor cultural. De acordo com um estudo realizado pela UNESCO no ano de 2020, citado por Isabel, cerca de 90% dos museus tiveram que fechar suas portas naquele ano. Ao lermos esse e outro estudo, realizado pelo ICOM no mesmo ano, temos conhecimento de que quase 13% estavam sob séria ameaça de não reabrir. Diante desse cenário, a UNESCO estabeleceu que a adoção de medidas de proteção social aos profissionais de museus, a digitalização e o inventário de acervos e a produção de conteúdo online estavam entre as prioridades a serem adotadas pelas instituições. Contudo, os estudos indicam que houve uma disparidade regional na adoção dessas medidas, uma vez que exigiam recursos financeiros. Apenas 5% dos museus da África e dos considerados pequenos Estados insulares em desenvolvimento (SIDS) conseguiram oferecer conteúdo on-line ao público. Essas regiões possuem apenas 1,5% do número

total de museus no mundo.<sup>25</sup> A meu ver, esses dados mostram como a pandemia impactou os museus no mundo, mas de maneira desigual, ressaltando ainda mais as iniquidades já existentes antes da crise sanitária e indicando a necessidade de medidas mais focalizadas, e menos universais, da UNESCO e de outros órgãos do sistema ONU para regiões que mais necessitam de cooperação internacional. Segundo Isabel, o continente africano é uma prioridade da UNESCO. Conforme os estudos, na prática, não é bem assim, restando ver isso refletido no futuro desses museus.

Outra questão que foi pontuada em relação ao impacto da pandemia sobre os museus foi a acessibilidade. Como ressaltou Isabel, atividades culturais em meios virtuais, como lives, disponibilização de coleções e visitas virtuais promovidas por alguns museus, ajudaram muitas pessoas a passar pelo período difícil de crise, aliviando um pouco o medo de contrair o vírus e de superar o luto pelas milhões de vítimas. Entretanto, muitas outras pessoas não conseguiram acessar esses serviços devido a fatores tecnológicos e de infraestrutura. Isabel pontuou, e a mediadora concordou, que esse deve ser um tema de preocupação dos governantes, tendo em vista que

o mundo vem se tornando cada vez mais híbrido, conciliando atividades presenciais e virtuais. A meu ver, o mundo híbrido é uma oportunidade para os museus expandirem as maneiras de extroversão dos seus acervos e alcançarem novos públicos, ao mesmo tempo que é um desafio como alcançá-los.

Afinal, voltando ao título da mesa, “qual o futuro dos museus?”, para Isabel, é o museu que conecta passado e o presente, que estabelece um diálogo com a memória e a história do patrimônio com as questões contemporâneas, de modo a contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, mais equilibrada e mais humana, ou seja, para que os museus cumpram a sua função social. Ela entende que os museus estão trabalhando nesse sentido, dentro das suas capacidades, como disse ao falar sobre a acessibilidade de pessoas com deficiências, mas que precisam de apoio político, gerencial, técnico e financeiro para que esse futuro dos museus esteja realmente garantido.

Acredito que é necessário e urgente que haja no Brasil uma estabilidade nas políticas culturais, retomando velhos caminhos, como a recriação do Ministério da Cultura e o fortalecimento do IBRAM, do

---

25 PANDEMIA fecha 90% dos museus em todo o mundo, diz UNESCO. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85815-pandemia-fecha-90-dos-museus-em-todo-o-mundo-diz-unesco>. Acesso em: 28 nov. 2022.

IPHAN, entre tantas outras entidades desmontadas nos últimos seis anos; e construindo novos, a exemplo da PL 3905/2021, que estabelece o marco regulatório do fomento à cultura, no âmbito da administração pública<sup>26</sup>. É preciso continuar avançando na profissionalização do setor, com maiores investimentos em formação dos atuais e futuros profissionais de museus. Maiores aportes financeiros pelos poderes públicos e privados, principalmente dos públicos, são igualmente importantes. Junto a tudo isso, ou mesmo antes de qualquer coisa, é preciso que governantes e gestores deem a devida valorização que a cultura merece e como Isabel ressaltou, que a priorizem. Contudo, o futuro dos museus está baseado no estreito e imprescindível diálogo dos museus com as mais variadas demandas e grupos das suas respectivas sociedades.

Ao refletir sobre a mesa, foi inevitável para mim não a relacionar com as outras mesas do evento, pois entendo que a discussão sobre o futuro dos museus atravessou todo o EPM. Quem ler sobre os relatos das demais mesas, perceberá que esta quinta mesa trouxe o olhar de uma organização internacional, enquanto as outras mesas trouxeram olhares diversos a partir de lugares diferentes. Defendo essa pluralidade

de pontos de vista durante o evento, como defendo que ele deveria ter acontecido na Mesa 5. Acho que seria mais rico para o evento se a mesa fosse composta por mais pessoas, representantes de outras organizações, de instituições culturais, de museus, de acadêmicos e de grupos da sociedade civil.

---

26 BRASIL. PL 3905/2021. Estabelece o marco regulatório do fomento à cultura, no âmbito da administração pública da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2305816>. Acesso em: 26 nov. 2022.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Flavio Luis Soares de. *Civilização, diversidade, desenvolvimento: a UNESCO e as dimensões da cultura - bens, serviços e conteúdos culturais*. 2017. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/T.101.2017.tde-01082017-183407. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/101/101131/tde-01082017-183407/pt-br.php>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- BRASIL. PL 3905/2021. *Estabelece o marco regulatório do fomento à cultura, no âmbito da administração pública da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios*. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/propostas-legislativas/2305816>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- GRUMAN, M. A UNESCO e as políticas culturais no Brasil. *Políticas Culturais Em Revista*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1 - 13. Abr. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3343>. Acesso em: 26 nov. 2022.
- PANDEMIA fecha 90% dos museus em todo o mundo, diz UNESCO. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/85815-pandemia-fecha-90-dos-museus-em-todo-o-mundo-diz-unesco>. Acesso em: 28 nov. 2022.
- RIBEIRO, Cecília. *Que tinha a Unesco a ver com desenvolvimento econômico? Vitruvius Arqutextos*, São Paulo, Ano 16, p. 1 - 4, fev. 2016. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/16.189/5953#:~:text=Nela%2C%20o%20desenvolvimento%20seria%20a,Estados%2C%20regi%C3%B5es%20e%20munic%C3%ADpios%E2%80%9D>. Acesso em: 26 nov. 2022.


# EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: RESPONSABILIDADE PARTILHADA E ATUAÇÃO DOS MUSEUS



Convidadas do painel e participantes da Rede Museologia Kilombola em comemoração no palco do EPM2022. Foto: Andréia Naomi.

**Luís Henrique Neves de Souza Porto<sup>27</sup>**

## INTRODUÇÃO

 presente texto consiste no relato crítico do painel 3 do 12º Encontro Paulista de Museus, do Sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo. Realizado dia 10 de novembro de 2022, o painel que abordou o tema

“Educação Antirracista: responsabilidade partilhada e atuação dos museus”, teve uma mesa composta pelas intelectuais negras Maria Aparecida Moura, Jamile Borges e Marinha Pinheiro.

27 Luís Henrique Neves de Souza Porto, graduando no curso de bacharelado em Museologia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

## PAINEL III

Iniciando o painel, a mediadora Marina Pinheiro fez a sua autodescrição e explicou um pouco do formato pensado por ela para o painel, passando a palavra a Jamile Borges logo em seguida, que também se autodescreveu e apresentou brevemente a sua formação e atuação.

Jamile Borges é antropóloga, com mestrado em educação e tecnologias digitais, além de ser membro do corpo docente da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Desde 2009, ela se dedica à “interface” museu, patrimônio, antropologia e memória, mediada pela tecnologia, debruçando-se sobre como as relações sociotécnicas têm alterado a forma de as pessoas negras se relacionarem com o mundo. Com o fim da primeira fala, Aparecida Moura iniciou a sua autodescrição e se encaminhou para abordar a sua vivência, destacando a sua atuação junto à pesquisa e aos registros dos saberes tradicionais e dos mestres de ofício.

Maria Aparecida Moura é documentarista e professora da Universidade Federal de Minas Gerais, bibliotecária de graduação, com doutorado em semiótica e comunicação, participando,

atualmente, da Formação Transversal em Saberes Tradicionais. Voltando a autodescrever-se, comentou como é interessante poder enfatizar outras características não físicas que as define, como ser mãe, capoeirista e Macota de Xangô, “uma mulher de Axé”, como ela se definiu.

Em seguida, Jamile Borges iniciou a sua apresentação audiovisual e reverenciou Aparecida Moura, ao se declarar filha do orixá Ogum. A seguinte pergunta norteou a sua reflexão sobre o tema proposto para o painel: “como produzir novos projetos de museus emancipatórios, que tenham o orgulho de produzir práticas antirracista, refutando sua estrutura colonial, extremamente racista e patriarcais, de forma a fabricar uma solução ao mesmo tempo poética e política?”.

A resposta perpassa a impossibilidade de se pensar o museu sem a sua carga de colonialidade e a necessidade de pensá-lo fora da sua relação com a manutenção das tecnologias do patriarcado, entendendo que o museu ainda não levou em conta a incorporação dos “corpos dissidentes”, conforme afirma Jamile Borges, citando o autor caribenho Édouard Glissant.

Na reinvenção dos museus e de suas práticas cotidianas, faz-se necessária a revisão dos valores destas instituições em prol do desenvolvimento de uma outra ética, principalmente ao tratar dos “patrimônios sensíveis”, valendo-se da definição dada a esses patrimônios por William Logan e Keir Reeves no seu livro “Lugares de Dor e Vergonha”. Nos fazendo refletir sobre quais vestígios do passado escolhemos preservar e a forma como escolhemos lidar com esses patrimônios, a antropóloga nos alerta sobre como nos acostumamos a “patrimonializar a dor, não a luta”.

Visando romper com essas práticas em prol do desenvolvimento de projetos expográficos e curatoriais que não se esgotem na representatividade e no seu caráter ontológico, Jamile Borges nos apresenta alguns projetos, pessoas e instituições que estão tentando conceber esse espaço idealizado pelo manifesto antirracista como: o Grupo MASS (Action Museum Statements); o livro da escritora Sandra Sofia Machado chamado “Zoológicos Humanos”; a metodologia desenvolvida pela curadora Yesomi Umolu “15 Pontos para Desmantelar a Injustiça Estrutural nos Museus”; o Projeto Desafiando a Sombra; o selo Traditional knowledge/MUKURTU e o projeto Museums on Prescription.

Ela destaca a necessidade de identificar quem são nossos aliados,

perceber as ideias e conceitos que podem ser deslocados de outras áreas do conhecimento para dentro da museologia, como “conceitos aliados” para a construção desse novo ethos. Deve-se pensar, assim, segundo a palestrantes, nesses museus como espaços de cura dos traumas passados, e dos traumas presentes por uma atuação antirracista. A síntese dessa apresentação poderia se dar na vontade da criação e instituição de uma ética e como cunha a palestrantes, um “ethos antirracista”, instrumentos para uma permanente vigilância a ser mantida por todos.

Encerrada a apresentação da Profa. Jamile Borges, a mediadora Marina Pinheiro apresentou algumas reflexões sobre como os museus são equipamentos coloniais, pensando-os como lugar de ausência para as pessoas negras, indígenas e outras etnias não brancas. Quando esses se veem dentro desse museu, geralmente é por uma memória de dor, e por uma representação construída pela outro. Encerrado o comentário, foi feita a primeira pergunta: “como que as duas intelectuais, que não são museólogas, porém atuantes no campo dos museus, percebem essa questão da representação das pessoas negras neste ambiente?”





Integrantes da Rede de Museologia Kilombola no saguão do Museu do Ipiranga. Foto: Andréia Naomi



Jamilé Borges, durante o EPM2022. Foto: Andréia Naomi

Aparecida Moura foi a primeira a responder e falou do museu como lugar de difusão desses símbolos hegemônicos, sendo, nas palavras dela, “um salão de exibição do conforto ontológico branco, ainda hoje”. Esse seria um espaço que provoca desconforto nos outros corpos, sem ter o mínimo de vergonha de assim manter as suas práticas. Segundo Moura, “É necessário pensar que laços e lastros o museu faz com essa comunidade e com o seu entorno” e de que maneira essa comunidade está ou não convidada a se representar nesses espaços. É preciso conseguir formas de dialogar com esses sujeitos nesse local, promovendo o debate no âmbito da própria instituição. Encerrando a sua resposta, a documentarista expressou sua preocupação com o caráter empacotador que alguns bancos e agências ganharam, agindo como privatizadores dos saberes e das culturas populares, ao produzir revistas, dossiês, filmes e outros materiais que são de domínio privado.

Jamile Borges iniciou a sua resposta em seguida, comentando que ela como mulher negra em um ambiente acadêmico foi convocada pela ciência a reagir e se engajar, assim como Aparecida Moura. Ela nos contou o caso de uma instituição nos Estados Unidos, que detinha uma caixa de fotografias da antropóloga Ruth Landes na

sua vinda a Salvador, que estavam equivocadamente identificadas com uma etiqueta escrito “África”, que só teriam sido descobertas no seu sentido original a partir da visita de um pesquisador baiano à instituição. Vindo da antropologia, ciência que também tem uma origem colonial, que precisou fazer uma autocrítica de reconhecimento desse passado, a palestrante se coloca como tradutora desses mundos que não conversavam, enfatizando a importância do lugar de fala.

A mediadora Marina Pinheiro retomou a fala trazendo um trecho do livro “Racismo Estrutural” de Silvio de Almeida, refletindo sobre como essa estrutura está entranhada nas nossas relações psicossociais. Encaminhando-se para a metade do painel, Marina fez a segunda pergunta, que indagava a seguinte questão: considerando o fortalecimento da fala para as pessoas negras, mas também na partilha dessa luta com as pessoas não negras, “como vocês percebem que seus trabalhos e pesquisas contribuem para a gente pensar de fato uma educação antirracista?”.

Jamile Borges foi a primeira a responder, trazendo a sua experiência da docência. Tal qual o tema da mesa, a professora acredita na educação como ferramenta de diálogo e construção desse

ethos antirracista. Assim, ela nos apresentou duas vivências como docente, pesquisadora e agente multiplicadora, uma no âmbito do programa ProAfrica, em que teve a oportunidade de formar mais de quarenta pessoas em práticas de gestão e salvaguarda de acervos documentais, e outra na luta que a mesma empreende dentro da faculdade de educação da UFBA pela mudança da matriz curricular das variadas licenciaturas que a universidade dispõe, inserindo a pauta antirracista na formação de todos os futuros professores, não apenas nas licenciaturas das áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Em seguida, Aparecida Moura iniciou a sua resposta nos alertando para a necessidade de nos manter vigilantes em relação aos processos de produção do conhecimento, para a instituição de políticas longevas e capazes de garantir ações para além dos desejos das competências de um ou de outro. Por isso, é importante que tenhamos compromisso com o ato de registrar com intuito de preservar. Uma das atuações da Faculdade de Direitos Humanos da UFMG de destaque é o reconhecimento dos saberes de mestres de ofício. Ao fim da sua fala, ela compartilhou uma situação que passou ao expressar a sua empolgação quando estava para ir a Moçambique pesquisar e um colega indagou “É a colonialidade

às avessas?”. A pergunta que ficou na cabeça dela foi: “será que é um processo horizontal construído com os Moçambicanos mesmo ou apenas algo feito para eles? Não podemos imaginar que nossos gestos e boas intenções serão capazes de suplantar tudo”.

Iniciando as falas de encerramento do painel, a mediadora Marina fez o seu comentário final e citando Nego Bispo usou o termo “afropindoramicos”, para falar das possibilidades de se construir cada vez mais outras novas museologias. Ela agradeceu ao público presente e remoto, ao coletivo Rede de Museologia Kilombola e convidou todos a se engajarem, pois o tema deste painel atravessa não só as pessoas pretas, mas também a branquitude.

Por fim, Jamile Borges agradeceu o convite do SISEM-SP, a toda a equipe e compartilhou com o público o seguinte verso de Caetano Veloso “Foi o negro que viu a crueldade de frente e ainda produziu milagres”. Falou sobre essa atual geração, que sabe reconhecer que os nossos passos vêm de longe e da perpetuação na nova geração de jovens negras e negros.

Aparecida Moura iniciou agradecendo a possibilidade de fazer parte desse momento histórico,

emocionando-se imensamente ao falar sobre o grupo de jovens intelectuais negros presentes no encontro e direcionando sua fala final para a esses, agradecendo pela perspectiva de continuidade do que foi construído até aqui e, ao tentar continuar a fala, as suas lágrimas a interromperam e o auditório rompeu em palmas.

Por fim, o grupo de jovens negros, de maioria integrante da Rede de Museologia Kilombola, subiu ao palco com unidades da planta Espada de São Jorge nas mãos.

A mesa se encerrou com um enorme abraço coletivo do grupo e com as palavras de Aparecida Moura, que pediu que sejamos um grande sankofa, que saibamos viver o presente consciente do nosso passado para a construção de um futuro diferente. A mesa se dissolveu e a mestre de cerimônias encerrou o painel, expressando o quanto ela se sente honrada de ser contemporânea de Aparecida Moura e Jamile Borges, saudando em yoruba o orixá Ogum.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O painel três rompe com o comum ao colocar três mulheres negras como únicas componentes da mesa, contudo essa configuração limita a responsabilidade de engajar esse debate às pessoas negras, dificultando que se institua de fato um processo de partilha dessa responsabilidade como sugere o título do painel. Faz-se necessário repensar o convencional nessa nova produção do comum, para romper com a estrutura racista convencional na nossa sociedade. Nessa perspectiva, precisamos ser capazes de edificar práticas que não se findem e fundem apenas na representatividade e na tolerância. Visando a instituição de um ethos antirracista, faz-se mister a instituição de ações contínuas de monitoramento e reação a estrutura racista aprimorada ao longo dos últimos 500 anos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.
- BORGES, Jamile.; MOURA, Maria Aparecida.; PINHEIRO, Marina. *Educação Antirracista: responsabilidade partilhada e atuação dos museus*. São Paulo: Painel III, 12º Encontro Paulista de Museus (EPM), Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP), 2022.
- EPM2022 10 de novembro: tarde. São Paulo: SISEM-SP, 2022. 1 vídeo (203 min). Publicado pelo Canal SISEM-SP. Disponível em: <https://youtu.be/cyBilwHEKNo>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- LOGAN, Willian. REEVES, Keir. *Places of Pain and Shame: dealing with 'difficult heritage'*. London: Routledge, 2008.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

# ATENÇÃO, SENHORES PASSAGEIROS: CHAMADA PARA A CONEXÃO BAVIERA-SÃO PAULO



Representante da MPZ, durante reunião de trabalho com educadores de museus. Foto: Andréia Naomi

## Caroline Silveira<sup>28</sup>

**N**o dia 09 de novembro de 2022, às 10 horas da manhã, pousam em São Paulo, nas dependências do Museu do Ipiranga, local de realização do 12º Encontro Paulista de Museus, duas conexões diretamente da Baviera. É importante que não confundamos tais conexões com escalas, pois ao contrário dessas não estamos

a falar de desvios de rotas, mas de pequenas paradas estratégicas, visando o embarque de novos passageiros junto à tripulação já a bordo e para o abastecimento da aeronave que levará ao destino: a construção de novas políticas públicas na área museológica.

Dentre as conexões, embarcaremos naquela resultante da parceria promovida pelo SISEM-SP e o Centro Acadêmico da Baviera para América Latina, tendo como combustível o fortalecimento de tal parceria pelo intercâmbio acadêmico da área museológica de ambos estados, além da troca de experiências como modo de pensar e de fomentar a criação de futuras políticas públicas, para além da reflexão sobre organizações estruturais das instituições museológicas, tanto em São Paulo como no Estado Livre da Baviera. Portanto, focaremos este relato<sup>29</sup> no encontro com educadores de museus, conexões Baviera-São Paulo.

É nesse contexto que vemos aterrissar no solo brasileiro a tripulação do Museums Pädagogisches Zentrum München<sup>30</sup>, nomeado como MPZ daqui em diante, trazendo na bagagem suas ideias, valores, metodologias e referências sobre educação em museus. Tendo como representantes Markus Wagner e Suzane Theil, ao longo de duas horas os educadores brasileiros presentes na sala de embarque da conexão Baviera-São Paulo puderam conhecer um pouco mais sobre as diferenças e, por que não, semelhanças entre o fazer educacional dos museus daqui com os da Baviera.

Falando em diferenças, começaremos pela estrutura. O MPZ, instituição que possui autonomia, atua em terras bávaras enquanto uma agência ligada ao Estado Livre da Baviera, assim como à sua capital, Munique, fornecendo serviços de apoio pedagógico aos museus e outras formas de patrimônios, partindo do pressuposto que a educação se aplica nesses espaços como uma ferramenta para o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que crianças, jovens e adultos possam pensar e agir de maneira sustentável, conforme definição da UNESCO (2017) sobre tal.

Assim, por uma equipe interdisciplinar de 35 funcionários, mais um conjunto de cerca de 100 profissionais autônomos, contratados por serviços, de forma um tanto semelhante à terceirização que ocorre no Brasil desde os anos 1970, acentuada nas últimas décadas pelo “fenômeno sistemático de políticas neoliberais” (HARVEY, 2008), eles atuam junto a 20% dos museus da Alemanha, sejam esses públicos ou privados. Destarte, essas atuações podem ser pagas ou gratuitas, a depender do tipo de parceria estabelecida por ambas as partes.

Quanto à natureza da contratação dos profissionais autônomos, Wagner assinala que tal situação “não é ideal porque leva a problemas sociais, mas

---

29 O presente relato foi desenvolvido a partir da escuta atenta da mesa “Conexões Baviera - São Paulo: Encontro com educadores de museus”, assim como de uma breve entrevista junto ao palestrante Wagner.

30 Centro Museu Pedagógico de Munique, tradução de Ana Eliza Machado.

é uma forma de manter a oferta da educação nos museus da Baviera”, visto que há, nesse território, mais de 100 museus, mas uma oferta empregatícia muito inferior. Vemos que nem mesmo mais de 6.000 milhas de distância são capazes de criar realidades 100% distintas no que tange ao campo da educação em museus, uma vez que tal conjuntura mostra equivalências quando avistamos os museus brasileiros, sobretudo, sob a ótica do decreto nº 9.507<sup>31</sup>, que favorece a precarização das relações trabalhistas nos museus e a descontinuidade dos trabalhos desenvolvidos, devido à promoção de rotatividade da mão de obra e a da flexibilização contratual nos espaços museais. Nesse sentido, não tão distantes, a Baviera e o Brasil seguem rotas de voos muito próximas, sob o nosso ponto de vista.

Outro ponto de destaque, ao se falar das características apresentadas sobre o MPZ, é o fato de que devido a um significativo alcance territorial, tal organização projeta e/ou implementa sua genética, ou seja, os seus entendimentos, conceitos e metodologias por programas educativos, analógicos ou digitais, em distintos museus bávaros. Assim, vemos que grandes e pequenos museus estão dispostos a adotar a identidade e os valores que o MPZ

carrega sobre educação e museus e, ao fazerem isso, aceitam a ludicidade como guia de bordo dos seus métodos e metodologias. Vale destacar que tal implementação não é feita em museus embrionários, recém postos ao mundo. Pode ser que haja museus assim na sua lista de parceiros, mas não só isso ocorre.

Segundo Wagner, porta-voz do MPZ, essa implementação é possível e sem embates por poder decisório, porque é estabelecida uma relação vantajosa para ambas as partes. Em linhas gerais, o MPZ entra nesses museus, por um período de no máximo um ano, trazendo métodos e estratégias voltados à comunicação no âmbito da educação cultural/museal, enquanto as equipes fixas das instituições museológicas entram com a identidade institucional que precisa, também, estar presente ao término da implementação de um trabalho. Coube, aos que estavam na sala de embarque, questionarem sobre a autonomia dos trabalhadores da educação nos museus bávaros e se os países de origem e destino dessa conexão carregam por autonomia o mesmo entendimento.

Ao nosso ver, tal entendimento se dá de modo distinto, posto que não foi referenciado um protagonismo desses trabalhadores da educação em

---

31 O decreto nº 9.507/ 2018 possibilita a ampliação da terceirização para qualquer atividade do setor público. Porém, o uso desmedido da terceirização pelo Poder Público, conforme ocorre na iniciativa privada, resulta na precarização de direitos trabalhistas e agrega repercussões institucionais próprias do setor estatal (AMORIM, 2009).





Participantes recebem tradução simultânea durante reunião com educadores de museus. Foto: Andréia Naomi

museus face ao trabalho desenvolvido nas suas instituições, pelo contrário, as cargas dos relatos trazem a imagem de um profissional que precisa desse apoio externo, ao menos em dois sentidos. O primeiro se refere ao investimento monetário que é feito a partir das relações com o MPZ. Ter o apoio do MPZ possibilita subir voos junto ao financiamento federal pois, apesar de ser uma agência com autonomia e com recursos próprios, por estar ligada ao Estado Livre da Baviera, podem receber recursos deste e aplicá-los em projetos e/ou ações educativas, tornando-se, por esse aspecto, parceiros atraentes.

O segundo se relaciona com certas hierarquias introjetadas em determinados espaços museológicos nos quais a educação exerce um papel

menor do que outras atividades, tais como a gestão e a curadoria, justamente porque o corpo atuante do museu a enxerga de forma minorizada. Wagner conta que por ser um elemento externo das dinâmicas relacionais dos museus que assessora, o MPZ pode ter um posicionamento mais combativo face aos demais profissionais que não entendem a importância do trabalho educacional a ser feito nos museus.

Assim, apresenta-se a reflexão de que disputas internas entre gestores, curadores e educadores não são exclusivas da Alemanha. No hemisfério oposto, fazendo voo direto com o Brasil, tais tensões aqui ainda se fazem presentes em alguns

museus de cunho tradicional que refutam a inclusão das pautas sociais dentro do seu itinerário de bordo, seguindo em direção contrária do serviço à sociedade.

Assim, diante desse contexto permeado de ausência e/ou a pouca autonomia do área educativo nos museus bávaros, o MPZ atua como instrumento político em prol da estabilização e promulgação da educação em ambientes museológicos, pela formulação de programas didáticos direcionados a diferentes públicos, que se desdobram em visitas mediadas, cursos de capacitação profissional, formação de professores, pesquisas acadêmicas, ações culturais, jogos didáticos, parcerias com escolas, entre outros eventos em cooperação com museus, coleções e exposições no território da Baviera.

No mais, vemos que outras tensões não são exclusivas da terra de Alfred Lichtwark, pioneiro da educação museológica alemã, citado por Wagner. Uma paisagem familiar nos é apresentada quando abrimos o bagageiro e olhamos para a questão da visitação de públicos nos museus. No caso do Estado Livre da Baviera, o público com maior visitação a seus museus é caracterizado por homens, aposentados e com certo poder aquisitivo. Wagner comenta que “os museus são considerados

pela população local como um espaço de contemplação de uma elite minoritária”. Indo contra essa corrente, são trabalhadas parcerias junto aos Ministérios da Cultura e da Educação, podendo o MPZ estar envolvido ou não, para que, desde a infância, a população local, pela escola, achegue-se aos museus. Quando olhamos para as iniciativas tomadas pelos museus da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de São Paulo, vemos proximidade ao que se refere ao público escolar, já que em ambos Estados há um movimento de trazer a escola para perto dos museus, seja por motivos afins ou não.

De fato, as aves que aqui gorjeiam talvez gorjeiam como lá. Entender esses pontos descritos, dentre outros partilhados pela tripulação do MPZ, foi notoriamente uma breve parada estratégica para conhecermos experiências distintas, mas para que também pudéssemos nos reconhecer como pares, viajantes que partilham nos seus diários de bordo paradas em comum e, quem sabe agora, o mesmo destino. Acima das diferenças, as questões que permeiam os museus dos dois Estados fazem um convite aos passageiros presentes na sala de embarque.

Atenção senhores passageiros, embarque para a conexão Baviera-São Paulo.

## REFERÊNCIAS

- AMORIM, Helder Santos. *A terceirização no serviço público: à luz da nova hermenêutica constitucional*. São Paulo: LTr, 2009.
- BRASIL, Decreto nº 9.507, de 21 de setembro de 2018. Brasília, 2018.  
Disponível em:  
<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=9507&ano=2018&ato=fc8ATR9UeZpWT7c8>.  
Acesso em: 20 nov. 2022
- FISHMAN, S. Alfred Lichtwark and the Founding of the German Art Education Movement. In: *History of Education Quarterly*, 6. ed., p. 3-17, nov. 1966. Disponível em:  
<https://www.cambridge.org/core/journals/history-of-education-quarterly/article/abs/alfred-lichtwark-and-the-founding-of-the-german-art-education-movement/06A721D9D47725E35B663158421F6E52>. Acesso em:  
28 nov. 2022.
- HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. 13. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- ICOM - International Council of Museums. *Nova definição de Museu*. 2022. Disponível em: <https://icom-portugal.org/2022/09/30/nova-definicao-de-museu-2/>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- UNESCO-ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. *Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: objetivos de aprendizagem*. 2017. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0025/002521/252197por.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2022.

# ENCONTRO DE ARTICULAÇÃO DOS SISTEMAS PÚBLICOS DE MUSEUS



Participantes durante reunião de articulação de Sistemas Estaduais de Museus. Foto: Andréia Naomi

## Fabiana Monteiro Lima<sup>32</sup>

**A** roda de conversa sobre os Sistemas Públicos de Museus ocorreu no dia 09 de novembro de 2022, a partir das 10h, apenas com a participação de representantes dos estados de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo. Representantes de todos os estados do Brasil foram convidados, mas, infelizmente, por uma variedade de motivos, nem todos puderam

estar presentes. Aqui devo ressaltar que nem todos os estados possuem um Sistema Estadual de Museus estruturado ou sequer implementado.

Ao iniciar a conversa, cada representante se identificou e forneceu um breve relato sobre a situação atual da organização dos museus no seu estado.

Levando-se em consideração que as leis que instituem os modelos de estruturação dos museus se intensificaram a partir de 2009 para cá, é possível dizer que muitos foram os avanços relatados pelos participantes, todos muito potentes, porém bastante recentes também. Vale citar que, apesar de um cenário positivo a princípio, é preciso citar a frequente descontinuidade, acentuada após o ano de 2016, das políticas públicas e investimentos na área museal, o que contribui para limitar os avanços outrora obtidos no setor, questões que ficaram bastante evidentes nas falas dos participantes.

A intenção desse encontro foi permitir a troca de experiências entre profissionais que trabalham em sistemas já consolidados e profissionais que ainda trabalham para construí-los em seus estados, com o intuito de gerar redes de apoio para quem ainda tem uma longa estrada a trilhar. O ponto que todos apresentaram em comum foi a dificuldade de resistir dentro de uma gestão que não reconhece a cultura e os museus como uma prioridade e, em muitos casos, até perseguem os seus trabalhadores. A isso se somam os impactos causados pela pandemia de COVID-19.

A falta de formação de profissionais e a concentração desses profissionais formados em eixos mais ricos do país

também foi um ponto levantado durante as falas dos participantes. Hoje, no Brasil, somente os estados da Bahia, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Piauí possuem cursos de nível de graduação e/ou pós-graduação. Aqui cabe uma particularidade do estado de São Paulo, o único em todo o país que conta com um curso técnico em Museologia, com duração de três semestres.

Pela fala dos participantes foi possível identificar que essa concentração de profissionais em apenas alguns estados do país dificulta a contratação desses em locais que não fazem parte dos polos formadores, o que afeta a profissionalização do trabalho executado nos museus Brasil afora. Essa realidade ocorre também nos cargos de gestão, tornando o cenário ainda mais difícil.

Um bom exemplo é a falta de concursos públicos para os diferentes cargos nos museus brasileiros, resultando na ausência de equipes para colocar as instituições em operação. Além disso, a falta de estabilidade financeira e de suporte legal geram descontinuidades das políticas públicas no setor, o que impacta o desempenho desse profissional.

Isso ocorre, porque o trabalhador de museus, além de cumprir suas tarefas, que não são poucas, muitas vezes, é atropelado por questões políticas e gestores que desconhecem as necessidades do setor museal.

A importância da valorização do profissional de museus e a articulação dos COREMs (Conselhos Regionais de Museologia) foi um ponto bastante ressaltado, pois é necessário que se reconheça a necessidade do trabalho técnico e do investimento. Para que isso tudo ocorra, é preciso uma articulação afinada entre todas as camadas que trabalham e fiscalizam o setor.

A ausência de atuação do Sistema Brasileiro de Museus foi uma pontuação também recorrente dos relatos dos participantes e, em decorrência dessa ausência, há a pouca contribuição para os Sistemas Estaduais de Museus.

A desarticulação do IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) e do Sistema Brasileiro de Museus foi um dos pontos centrais do encontro. Ficou acordado entre os participantes presentes que serão feitos esforços no sentido de reativar a Rede SIMUS (Rede de Sistemas Estaduais de Museus), com o intuito de fornecer uma rede de suporte

para a reestruturação do IBRAM. É de comum acordo que uma vez superado o período de boicote ao IBRAM, ele deverá ser munido de uma série de dados e informações que o atualizem da real situação dos museus brasileiros.

Do ponto de vista dos participantes, caberá à Rede SIMUS um papel estratégico na comunicação entre os Sistemas Estaduais de Museus, o IBRAM e os museus brasileiros, com escuta sistemática para repensar suas estruturas, ações no intuito de compreender as demandas da sociedade brasileira, além de muita transparência, para que todos possam partilhar dos frutos que virão desse novo momento.

Ficou acordado entre os participantes o envio de uma carta de solidariedade da Rede SIMUS ao IBRAM, por todos os percalços passados nos últimos anos pelos seus funcionários, além de requisição do estabelecimento de reuniões periódicas, a fim de analisar os avanços e as áreas que precisam ser mais bem desenvolvidas. Manteve-se, assim, um processo contínuo de trocas e debates de forma atual e plural.

A meu ver, levando-se em consideração a necessidade de



Luiz Mizukami, membro do GTC SISEM-SP, durante reunião de articulação. Foto: Andréia Naomi

construção de um novo Plano Nacional Setorial de Museus<sup>33</sup>, a votação do Marco Regulatório do Fomento à Cultura<sup>34</sup>, a reconstrução do IBRAM e a possível recriação do Ministério da Cultura, bem como a retomada da Rede SIMUS são iniciativas extremamente necessárias para a rearticulação da profissionalização museal.

Compartilho da visão dos presentes na reunião, de que o setor museal tem muito ainda a construir para devolver à sociedade atendimentos e experiências de qualidade, porém,

a falta de articulação, investimento e pessoas capazes em alguns cargos-chave de gestão dificultam esses processos.

Dessa forma, posso dizer que o encontro foi fundamental para a retomada de atividades basilares do “fazer museu” brasileiro, além de contribuir com a manutenção do diálogo entre profissionais que atuam nos museus brasileiros com diferentes realidades.

33 O Plano Nacional Setorial de Museus vigente abrange a década de 2010-2020, não tendo sido substituído até o momento.

34 Sobre o Marco Regulatório do Fomento à Cultura, ver o Projeto de Lei que “estabelece o marco regulatório do fomento à cultura, no âmbito da administração pública da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios”. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2305816>. Acesso em: 20 nov. 2022.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de Janeiro de 2009. Institui o Estatuto Brasileiro de Museus e dá outras providências. *Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 146, n. 10, p. 1-4, 15 jan. 2009.* Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=15/01/2009&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=80>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- BRASIL. Governo Federal. Plano Nacional Setorial de Museus. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2010. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.
- MIZUKAMI, Luis Fernando. *Redes e Sistemas de Museus: um estudo a partir do Sistema Estadual de Museus de São Paulo.* Orientador: Maria Cristina Bruno. 2014. 227 f. Tese (Mestrado em Museologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/103/103131/tde-12012015-122933/publico/LuizMREVISADA.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- SÃO PAULO. Decreto nº 24.634, de 13 de janeiro de 1986. Institui o Sistema de Museus do Estado de São Paulo. *Diário Oficial do Estado de São Paulo: poder executivo, São Paulo, v. 96, n. 9, p. 1, 14 jan. 1986.* Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento\\_11\\_4ivo%2520secao%2520i%2fjaneiro%2f14%2fpag\\_0001\\_FKB3CIV6Q9GFFe09QNC7CPQ1KJV.pdf&pagina=1&data=14/01/1986&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100001](https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4ivo%2520secao%2520i%2fjaneiro%2f14%2fpag_0001_FKB3CIV6Q9GFFe09QNC7CPQ1KJV.pdf&pagina=1&data=14/01/1986&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100001). Acesso em 28 nov. 2022.



# COM QUAIS POLÍTICAS SE FAZ UM MUSEU?



Representantes da BAYLAT conduzindo reunião para coordenadores dos cursos de museologia de São Paulo.  
Foto: Andréia Naomi

## Inah Irenam Oliveira da Silva<sup>35</sup>

**C**oloco-me em desafio nas próximas linhas escritas. Relatoriar o 12º Encontro Paulista de Museus (EPM) é tarefa de mergulhar nas suas camadas de complexidade - muitas desconhecidas por mim - e notoriar processos densos e questões robustas no campo da museologia paulista, que reverberam num âmbito nacional. Ademais, sendo abrangente,

não conseguiremos abarcar uma grandiosidade de coisas. Contento-me a instigar nas leitoras e leitores questionamentos concisos sobre o tema, programação (com um recorte aprofundado sobre o Conexões Baviera-São Paulo), convidadas e produção, a fim de tecer diálogos que contribuam para uma abertura de perspectivas de outros pensamento e exercício de saída de uma política

de boa vizinhança paulista para o restante do país.

Com o tema “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?”, o EPM é um encontro bianual, que se caracteriza pela reunião de agentes do campo museal paulista para dialogarem com os assuntos pertinentes na atuação dos museus do estado de São Paulo, visando articulação e troca de experiências para o fortalecimento das políticas públicas do campo. O evento é realizado pela Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa, pelo Sistema Estadual de Museus - SISEM-SP em parceria com a organização social de cultura ACAM Portinari.

Nessa edição, o EPM se propôs articular discussões em torno da revisão e definição do novo conceito de museus, implementada pelo Comitê Internacional de Museus - ICOM, aprovado em conferência na cidade de Praga, em agosto de 2022, bem como temas que fazem parte da mesa redonda de Santiago do Chile e as consequências 50 anos após a sua realização, ocorrida em contexto de ditadura latino-americana, no ano de 1972.

Sediado no novo Museu do Ipiranga, ao longo dos dias 08, 09 e 10 de novembro, acompanhamos uma profusão de ideias, reencontros acalorados pós liberação de eventos presenciais, encontro de pesquisadores, educadores, profissionais, estudantes de gerações, geografias, gêneros e raças diferentes. Esse foi um sopro para desempoeirar um livro e abrir novas possibilidades.

A programação, em formato híbrido, buscou acessibilizar o máximo de participantes, tornando as ferramentas tecnológicas aliadas a esse propósito. O público pode acompanhar tanto presencialmente no auditório do Museu do Ipiranga, como em tempo real pelo canal do YouTube do SISEM-SP<sup>36</sup>, que contava com recursos de tradução em LIBRAS, audiodescrição dos participantes e retransmissão pela Rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil – Rádio ONCB. Compuseram a programação, também, gravações disponibilizadas nas redes sociais<sup>37</sup> sobre “experiências museológicas inspiradoras”, com a participação de museus, grupos, espaços de memória, casas de cultura e ecomuseus.

---

36 Link do canal do YouTube, com programação ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/@sisem-sp8177/streams>. Acesso em: 02 dez. 2022.

37 Os vídeos estão hospedados tanto no canal do YouTube quanto no perfil do Instagram do SISEM-SP @sisemsp.

Incluída como programação interna do evento, ocorreram o “Encontro de articulação dos Sistemas Públicos de Museus” e o Conexões Baviera-São Paulo, com duas atividades: “Encontro com educadores de museus” e “Reunião com coordenadores de cursos de museologia no Estado”. Sobre a reunião, detalharei com mais minúcia mais à frente.

Como parte extra da programação, o “+ EPM”<sup>38</sup> realizado nos dias 05, 07, 09, 10, 11 e 12 de novembro se configura como ações de formação e fruição em museus do estado de São Paulo, como o Museu da Imagem e do Som-MIS, Museu das Favelas, Museu Afro Brasil, Memorial da Resistência, Museu de Arte Sacra, Museu da Língua Portuguesa, Museu Catavento e Museu do Futebol.

As atividades realizadas foram de visitas temáticas na maioria dos museus, apresentação da exposição Grandes Personalidades Negras, no MIS; o Encontro da Rede Museologia Kilombola, no Museu das Favelas, com a entrega da Medalha pela Reparação da Memória Negra na Museologia, em homenagem a Neyde Gomes de Oliveira, primeira museóloga negra em exercício no Brasil, e o Encontro de Rede temática de Museus de Ciências e Tecnologia, no Museu Catavento.

No Museu do Futebol, a 4ª feira Ilé-Ifê - Feira Afro e a exibição do curta-metragem “Gondwana, A bola conecta”, teve um bate-papo com os realizadores Mônica Saraiva e Sebastián Vásquez. As convidadas e os convidados participantes, bem como as articuladoras e articuladores, têm uma ampla e consolidada formação no campo, tanto da museologia, como em áreas interdisciplinares da museologia.<sup>39</sup>

Em grande parte, os painéis e as mesas tentaram promover um diálogo entre diferentes gerações, as suas impressões sobre a diferença de tempos, os eventos e os desdobramentos. Em alguns casos, percebemos o descompasso de pontos de vista, que, por mais incoerente que se apresente, foi de grande valia para compreendermos algumas trajetórias profissionais, suas contribuições outrora e as reverberações com a emergência de questões sociais que estão mais para vitais do que emergentes - e, porventura, não se resolvem apenas em palavras, mas em atitudes e revisão de posturas e ações no mundo.

O título que cravo para esse relato é uma reflexão sobre as camadas acessadas do evento, e as miudezas percebidas em olhos treinados para

---

38 O link para a programação extra, hospedada no site do SISEM-SP, é: <https://www.sisemsp.org.br/epm/programacao-2022>. Acesso em: 02 dez. 2022

39 Para maior conhecimento sobre as convidadas e os convidados, bem como sobre as articulações realizadas nas mesas e painéis, indico a leitura dos relatórios dos outros colegas. Pela necessidade de concisão na escrita, não detalharei as minhas impressões ação por ação. Ao longo do texto, trarei das impressões gerais e pontuais.

as sutilezas e cortinas de fumaça da vida. Tenho na frase “ver, entender e decifrar” da sambadeira e Yalorixá Mestra Aurinda do Prato um farol de guia, para escurecer o que é demasiadamente claro atualmente. Portanto, vi, entendi e decifro algumas pequenezas nessas linhas.

No alumiar do que é claro o bastante, comunico a ausência de pessoas negras e trans no corpo de produção. Busca-se aqui compreender que o tema “Bem-viver, território, antirracismo, diversidade: com quantos termos se faz um museu?” perpassa pela organização, cara no mundo e circulação de pessoas. Como diz a minha sábia mãe: “o que é visto é lembrado”. Em outras palavras: “o santo de casa faz milagre”.

É inegociável a convivência entre as diferenças. Não existe bem-viver onde o outro não se reconheça. Não existe território no qual a palavra, conceito “comunidade” repetida em exaustão e com diversas conotações e entonações seja esvaziada. Não existe antirracismo em que o antirracismo seja um tema e no qual a educação antirracista seja posta como última atividade e a programação em espaços e museus comprometidos com o “tema” seja um plus.

O Conexões Baviera-São Paulo realizou a primeira reunião interna (fechada ao público) com coordenadores de cursos de pós-graduação em museologia da Universidade de São Paulo (PPGMus/USP) e coordenadores/diretores de museus ligados à USP para apresentar o Centro Universitário da Baviera para a América Latina (BAYLAT).

Numa pequena sala de reuniões do Museu do Ipiranga, 20 pessoas se reuniram, sendo 2 articuladoras da BAYLAT, a diretora executiva Dr<sup>a</sup> Irma de Melo-Reiners e a Membro do Conselho Diretivo da BAYLAT Marilda Botesi, 15 professores, pesquisadores, coordenadores, diretores de museus ligados à Universidade de São Paulo (USP) e três relatores negros.

Ao longo das apresentações dos participantes, fomos compreendendo a extensão da diversidade de tipologias de acervos que estavam sendo representadas, as articulações dos participantes, a organização do campo de formação na área e as políticas públicas para o setor.

O Centro é uma organização do Ministério de Educação, Ciência e Arte do Estado Livre da Baviera, localizado na Alemanha. Segundo o site da BAYLAT,

O BAYLAT estabelece contato entre instituições de ensino superior da Baviera e da América Latina, divulga a Baviera como centro de tecnologia e de inovação, assim como promove a cooperação científica e acadêmica com a América Latina. O BAYLAT tem a sua sede na Universidade Friedrich-Alexander Erlangen-Nürnberg (FAU). Os objetivos do BAYLAT estão diretamente vinculados com a estratégia de internacionalização das universidades do Estado da Baviera. Para cumprir esses objetivos, o BAYLAT planeja e executa suas atividades dentro do conceito da diplomacia científica, acadêmica e da cooperação. Como centro de excelência e assessoramento, o BAYLAT atua principalmente com as seguintes atividades: [...] O BAYLAT incentiva, por meio de financiamento inicial, projetos binacionais inovadores nas áreas de pesquisa e ensino. [...] O BAYLAT organiza diversos eventos acadêmicos e científicos, tanto na América Latina como na Baviera. A América Latina é uma região-chave de crescente desenvolvimento científico e tecnológico. Graças à formação eficiente de novas gerações de pesquisadores, diversos países latino-americanos ocupam posições de liderança em diferentes campos da ciência. Essa é uma das razões pelas quais o subcontinente adquire cada vez maior importância.

O objetivo primordial do Centro Universitário da Baviera para América Latina consiste em intensificar, sobre a base de uma larga tradição e para benefício mútuo, a cooperação entre ambas as regiões (BAYLAT, 2022).

A Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Bruno em uma fala, contextualizou o panorama dos cursos de graduação e pós-graduação espalhados pelo território brasileiro, advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, instruído pelo Governo Federal no ano de 2007, bem como do curso técnico de São Paulo e lembrou do boom nos anos 90 dos cursos de Especialização, que formou muitos profissionais atuantes na área.

Apresentaram-se, também, o Seminário Brasileiro de Museologia - SEBRAMUS e o Encontro Nacional de Estudantes de Museologia - ENEMU, pelas vozes da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Bruno e pela pesquisadora e parceira Andressa Batista, discente do curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

Em seguida, a Prof<sup>a</sup> e Pesquisadora Marília Bonas trouxe à tona uma das grandes conquistas do campo dos últimos tempos: o Estatuto de Museus, decretado em 2009, fruto da Política Nacional de Museus, sendo uma referência mundial para as instâncias.

Um dado importantíssimo compartilhado pela professora é o lugar da inovação para o estado da Baviera das práticas da museologia colaborativa exercidas no Brasil, datadas desde a década de 1950. Nesse momento, temos uma guinada na reunião em que, a participações de intelectuais, pesquisadores, teóricos, profissionais brasileiras e brasileiros são colocados em protagonismo por um reconhecimento das suas valiosas contribuições para as políticas atuais e, diante dessa perspectiva, colocamo-nos como independentes, ousados e referência no mundo.

Nessa desembocadura, as fundantes redes tecidas entre os agentes foram e tem sido o sustentáculo para o avanço e reivindicações para o campo, principalmente no tocante aos desmontes orçamentários, institucionais e políticos dos últimos anos sofridos e vividos no país. O próprio EPM é um exemplo dessa articulação de bases.

A estruturação, a conversação, os vínculos, as práticas, os desdobramentos, os pensamentos emergidos desses espaços têm configurado e pautado mudanças significativas, principalmente nas institucionalizações das pautas e ações. Esse é um movimento que, sem dúvida, projeta o Brasil para outros e novos horizontes,

tanto internamente, quanto nas políticas externas. A formação de profissionais que não estão dentro da academia ou que não são da área foi discutida, também. Como melhorar a capilaridade de acesso, formação, capacitação e sustentabilidade aos fazedores dos pequenos espaços e com menores visibilidades.

Seguindo essas estratégias, a reunião realizada na programação do EPM reafirmou os propósitos de intercâmbio e fomento entre a Baviera e a Universidade de São Paulo, pelo curso de pós-graduação em museologia e os museus vinculados à universidade, no tocante à gestão, curadoria, ensino e pesquisa.

Friso o ponto do fomento e a importância dessa cooperação - que precisa ser estendida para outros cursos e outras regiões do país - devido à instabilidade financeira histórica sofrida pelos sucessivos cortes, contingenciamentos, congelamentos as instituições federais de ensino do país. Ademais, há uma abertura da internacionalização e valorização das pesquisas científicas realizada no país.

Um grande encontro político para estreitamento de laços comerciais, pela educação e tecnologia, sendo uma ramificação das relações públicas estabelecidas, firmadas e negociadas pelos governos da Alemanha e do Brasil, concerne a



Luiz Henrique, integrante do Grupo de Relatoria Crítica, durante a reunião de trabalho no EPM2022.  
Foto: Andréia Naomi

uma troca de conhecimento em conjunto e uma aliança estratégica. Tem-se um olho nas produções e movimentações da América Latina que estão num processo de retomada de direitos políticos e desmantelando governos neoliberais e com inclinações fascistas.

Essa é uma política de boa vizinhança, com entrada por São Paulo, que precisa ser olhada com cuidado, para não repetirmos a errância de pensamentos e contribuições que engessem a museologia e apaguem a diversidade a qual ela precisa fomentar.

## **REFERÊNCIAS**

*CENTRO UNIVERSITÁRIO DA BAVIERA PARA AMÉRICA LATINA. Sobre o Baylat. BAYLAT, 2022. Disponível em: w. Acesso em: 02 dez. 2022.*



**A  
GRA  
DE  
CI  
MEN  
TOS**



# COMISSÃO CONSULTIVA DO 12º EPM

Andrea Nogueira

Angelica Policeno Fabbri

Carla Janne Farias Cruz

Cecília de Lourdes Fernandes Machado

Efstathia Jean Vourakis

Fernanda Cristina de Moraes

Luiz Fernando Mizukami

Maria Cristina de Oliveira Bruno

Miriam Midori Peres Yagui

Nilo Mattos de Almeida

Patrícia Cristina da Cruz Sá

Paula Paiva Ferreira

Renata Vieira da Motta

Rodrigo Touse Dias Lopes

Suzy da Silva Santos

# **MEDALHA DE MÉRITO MUSEOLÓGICO**

**WALDISA RUSSIO CAMARGO  
GUARNIERI (2021-2022)**

**Agraciadas para homenagem em vida:**

2021 - Marília Xavier Cury

2022 - Maria Ignez Mantovani Franco

**Agraciados para homenagem póstuma**

2021 - Maurício Segall

2022 - Maria Inês Lopes Coutinho

# PARCEIROS

Centro Acadêmico da Baviera para América Latina (Baylat)

Centro Pedagógico para Museus da Baviera (MPZ)

Ibermuseus

Museu do Ipiranga

Museu Afro Brasil

Museu Catavento

Museu da Imagem e Som de São Paulo

Museu das Favelas

Museu de Arte Sacra de São Paulo

Museu do Futebol

Museu da Língua Portuguesa

Organização Nacional de Cegos do Brasil - ONCB

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)



**SÃO  
PAULO**  
**GOVERNO  
DO ESTADO**  
Secretaria de  
**Cultura e  
Economia  
Criativa**

